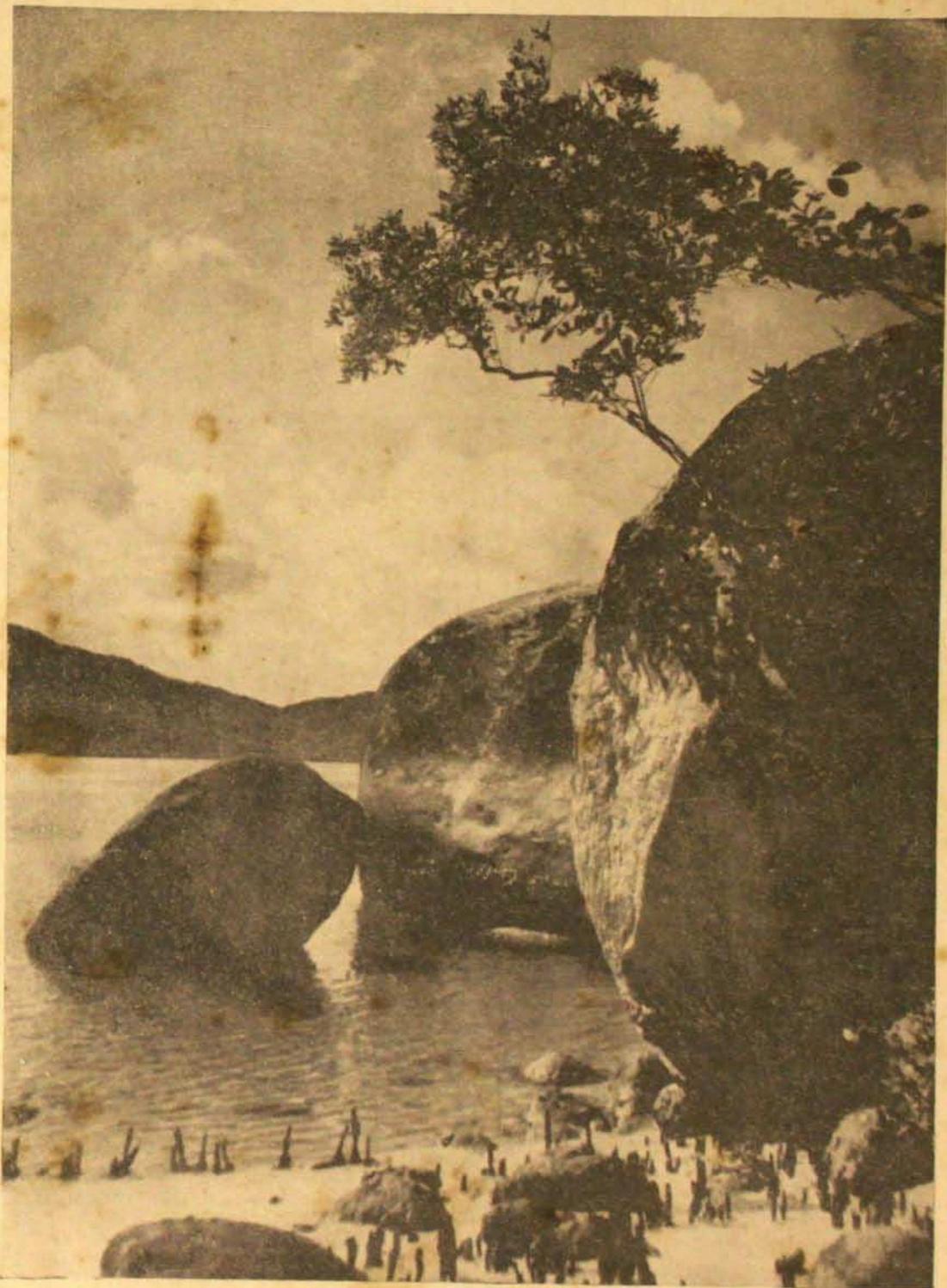


Atualidades



Ilha Grande (Foto de Briese)

Catarinenses!

***Ajudai a nossa iniciativa cultural,
adquirindo o livro***

“Um casal ilustre”

de

Nuno d’Eça

***Edição de
“Atualidades”
Florianópolis***

***Afenderemos pedidos pelo Reembolso Postal ou acompanhados
da importância de Cr\$ 20,00 por exemplar.***

Atualidades

PUBLICAÇÃO MENSAL INICIADA EM 1945
REDAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA MAURO RAMOS, 301
FLORIANÓPOLIS — S. CATARINA — BRASIL

Irmãos

Gêmeos . . .

Imaginemos dois irmãos gêmeos que possuíssem cada um deles um automóvel, — do mesmo tipo, marca, força e ano de fabricação, em condições perfeitamente idênticas. Vamos supôr que os tivessem adquirido ao mesmo tempo, e dispusessem ambos, em absoluta igualdade, de todos os meios de uso e conservação. Admitamos que, contrariamente à integral semelhança convencional para os veículos, seus donos fossem diferentes no que se referisse a inteligência, caráter, cultura, e, também, força de vontade, perseverança, ponderação, espírito de justiça e previsão do futuro; e que, em consequência disto, chegassem eles a parecer um a antítese do outro.

Ora, parece claro que os dois irmãos que imaginámos haviam de ter para com seus automóveis comportamentos opostos. Um deles (digamos que se chamasse Esaú) previdente e zeloso, saberia conservar bem seu carro, tratando-o com carinho. Empenhar-se-ia em trazê-lo sempre limpo, engraxado, pulverizado, lubrificado e lustrado. Teria os pneus sob pressão correta, e os amortecedores, e as molas, e o estofamento, em perfeito regime. Evitaria "grilos". Usaria combustível e lubrificantes da melhor qualidade. Manteria eficientemente regulados o carburador e o distribuidor. Conservaria o óleo do carter e do diferencial isentos de poeira e detritos, e em nível adequado. Não superlotaria os depósitos de água e gasolina, e muito menos cometeria a loucura de substituir água por álcool e gasolina por outro carburante qualquer. . . Guiaria com atenciosa cautela, evitando altas velocidades fóra das pistas de corrida. Passaria devagar através de caminhos perigosos, resguardando-se de tudo o que pudesse causar dano ao carro, motor e pneus. E de tempos em tempos, por segurança, levá-lo-ia a um bom e honesto mecânico, para que o examinasse atenta e meticulosamente, e opinasse. O outro (que se chamaria Jacob) imprevidente e desleixado — visto que estabelecemos seria êle o inverso de Esaú — não ligaria a mínima importância à conservação do carro. Pouco se lhe havia de dar que êste se apresentasse limpo ou sujo, lubrificado ou não, engraxado ou rangendo, polido ou enlameado. Nem a pressão dos pneumáticos, nem as molas, amortecedores, freios, distribuidor, carburador, radiador, filtros de ar e gasolina, bateria e circuito elétrico, — nada para êle assumiria maior importância com estar em ordem. Também a pureza do combustível e dos lubrificantes, e o estado geral do veículo, não lhe seriam motivos de cuidados. Seu único intuito havia de ser gozar do veículo e das emoções que êste lhe pudesse prodigalizar. Guiaria sem atenção, tendo em mira antes a pressa, a vertigem da velocidade, o rendimento da viagem, que propriamente a consecução do objetivo da jornada e a integridade, e a segurança do carro e do condutor.

Ao cabo do mesmo espaço de tempo, o resultado fatal, preciso, absoluto, teria de ser êste: o carro de Esaú, estaria quase novo, excelentemente conservado, em ótimas condições de eficiência e funcionamento; e duraria anos e anos em mãos de seu possuidor. O de Jacob, que negligente, o usou sem método, — velho, gasto, caindo aos pedaços, quase inútil — seria abandonado em breve tempo, como os despojos animais . . .

* *

Com nosso corpo, o veículo que a Natureza nos deu para atravessarmos com êle os ásperos e acidentados caminhos da vida terrena, é susceptível de dar-se a mesma coisa.

O homem precavido, que o saiba conservar e zelar, e o traga sempre limpo, e bem suprido, sob regime natural de nutrição e de exercício, — tê-lo-á permanentemente à sua disposição para um trabalho longo, seguro e irrepreensível. E durará muitos e muitos anos.

Mas o homem que se descuide, e use de seu corpo a torto e a direito, submetendo-o a excessos alimentares, a álcool, fumo e demasias sexuais, triste e desesperançado, acabará por vê-lo enfraquecer, engelhar-se, envelhecer, adoecer e desintegrar-se, e reduzir-se a ruína! E morrerá precocemente.

* *

Nós, os seres humanos, que dentro do determinismo evolutivo somos dotados de livre arbítrio, temos liberdade para fazer ou deixar de fazer aquilo que nos der na telha. Podemos, de pleno direito, escolher qualquer dos modelos, ora simbolizados pelos irmãos gêmeos, Esaú e Jacob.

As conseqüências da escolha é que são elas . . .

Sê você, leitor amigo, tiver a Esaú por modelo, estará em bom caminho. Mas se preferiu as pegadas de Jacob, restar-lhe-á, todavia, um consôlo: nunca será demasiado tarde para recomeçar!

Ainda pôde, se quiser, e tiver vontade forte e determinação segura, dar um jeito em seu carro . . .

JOSÉ CORDEIRO

Inaugurada a sede

Do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio Armazenador de Joinville

Teve lugar a 11 do corrente, em Joinville, a inauguração da sede do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio Armazenador de Joinville.

A solenidade estiveram presentes autoridades, representantes de todas as classes, bem como grande massa popular.

Aberta a sessão pelo M. Dr. Juiz de Direito, usou da Palavra o sr. Conrado Mira. Em breves palavras historiou a atividade do Sindicato, a disciplina do operariado e o generoso auxílio dado pelo comércio e indústria Joinvilenses para a construção da sede, serviço que custou importância superior a Cr. 600.000,00.

A seguir, usou da palavra o operário Gustavo Pueschel, que historiou a legislação trabalhista e os serviços prestados à Nação pelo Presidente Vargas, convidando para decerrarem o retrato do mesmo, o que foi feito debaixo de prolongada salva de palmas.

Seguiu-lhe com a palavra o operário Juventino da Silva que, em nome de seus colegas, prestou justo tributo a Conrado Mira, abnegado e incansável em conseguir melhoras para o operariado joinvilense, convidando, a seguir, para decerrarem o seu retrato. Prolongada salva de palmas coroou as palavras e o ato de decerramento do retrato.

O orador seguinte, foi o Dr. José Acácio Moreira Filho, cuja oração brilhante impressionou profundamente a assistência, sendo muito aplaudido.

Usou a palavra, a seguir, o sr. Paulino Leite, Encarregado do Posto de Fiscalização do

Ministério do Trabalho em Joinville e que, em todas as ocasiões, tem-se mostrado o conselheiro e amigo sincero tanto da classe operaria, como da patronal, sendo suas palavras vivamente aplaudidas pelos assistentes.

Apoz, teve lugar o benzimento do prédio social, bem como da primeira casa residencial edificada.

Ao terminar a sessão solene, foi levantado o brinde de honra a S. E. a o Sr. Presidente da Republica, percorrendo, após, todos convidados, as várias dependências da sede do Sindicato. Tem esta salão-refeitório salas de administração, cozinha, e grandes instalações na parte terrea. No andar superior, acham-se localizados 26 dormitórios para operários solteiros, dotados de todo o conforto, com água corrente em cada quarto e armários individuais. Instalações sanitárias e chuveiro elétrico, também ali estão localizados.

No terreno, aos fundos da sede, já está terminada a primeira casa destinada a família de operário, contendo vários quartos e todas as instalações necessárias. Para outras casas a serem edificadas, já estão concluídos os alicerces.

A visita, seguiu-se grande churrascada, na qual tomaram parte todos os assistentes, num total de aproximadamente mil pessoas.

Os festejos prolongaram-se por todo o dia, sendo levado a efeito, à noite, grandioso baile, assistido por autoridades, operários e suas famílias e convida-

A Cruz do Morro



Reconstruída recentemente, constituiu belíssima demonstração de fé cristã, a inauguração da Cruz do Morro do Antão, um dos pontos mais elevados da nossa Ilha, estando presentes ao ato autoridades eclesiásticas, civis e grande parte da população

dos em geral.

«Atualidades» que se fez representar, agradece a gentileza do convite e envia ao Sindicato os votos de felicidades futuras e que mantenha sempre a mesma diretriz de ser um órgão de concordia entre o operariado e a classe patronal.

EMPRESA COMERCIAL

R. GROSSENBACHER S. A.

BEBIDAS - ARMARINHOS - FERRAGENS

:- Comércio por Atacado :-

IMPORTAÇÃO :- EXPORTAÇÃO

Rua 15 de Novembro, 857 - C. Postal, 15

BLUMENAU

COMERCIAL E INDUSTRIAL

FETT LTDA.

Indust. e Exportadores

Madeiras - Pinho - Lei

Matriz:

FLORIANÓPOLIS

Caixa Postal 16

End. Telegr. — "TELMO"

Filial:

CAMBIRELA

Mun. de Palhoça

Deposito e vendas a varejo

Rua 24 de Maio 246/258.

Tel. 23 — Estreito — Florianópolis.

Dr. Aderbal Ramos da Silva



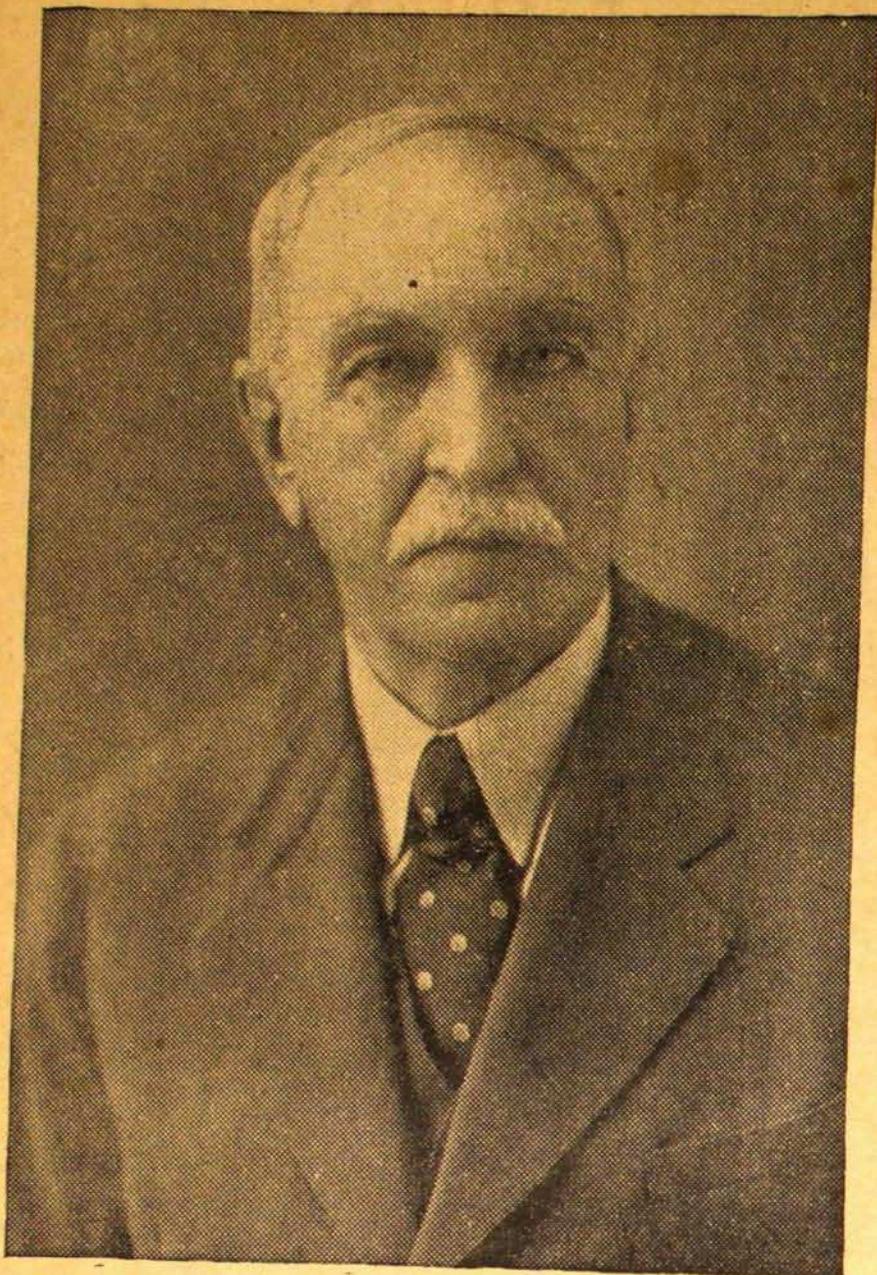
Dr. Aderbal Ramos da Silva

Uma das mais legítimas expressões da nova geração de homens públicos que o gênio político de Nerêu Ramos nos revelou, o dr. Aderbal Ramos da Silva, Governador do Estado, — no curto lapso de tempo em que se acha à frente da direção suprema de Santa Catarina, tem confirmado tôdas as esperanças que o povo barriga-verde nêle depositava. Imprimindo a seu govêrno uma diretriz segura, executando à risca o programa que traçou para o engrandecimento econômico de sua terra e bem-estar de sua gente, e, acima de tudo, garantindo, como democrata puro, a mais ampla liberdade constitucional e individual, o dr. Aderbal Ramos da Silva inscreve seu nome ilustre entre os nomes dos governantes que mais se destacam, no Brasil, nesta nova fase de vida republicana.

Seu aniversário, portanto, ocorrido a 18 dêste mês, foi objêto de satisfação geral, e serviu de motivo para que, não só seus amigos e admiradores, mas também o povo que o elegeu, que é a absoluta maioria dos que vivem nesta terra, lhe testemunhassem a grande estima e justa admiração que lhe consagram.

Aos votos de felicidade e longa vida, que êle recebeu de todos os recantos desta gleba, "Atualidades" junta os seus, — muito efetuozos e muito sinceros.

Honrosa carta



Sr. Vidal Ramos

Ilustre conterrâneo Sr. Dr. Nuno D'Eça.

Cordiais saudações.

Li com a devida atenção o seu livro — UM CASAL ILUSTRE.

Em primeiro lugar, rendo-lhe graças pelas páginas dedicadas à minha esposa.

O culto à memória dos que já deixaram este mundo é apanágio das almas nobres.

Depois, quero agradecer-lhe a espontaneidade com que estudou minha modesta vida pública e fez justiça ao meu esforço para bem servir, na medida de minhas forças, o Brasil e, particularmente, Santa Catarina, nos postos para os quais fui, tantas vezes, convocado pelo voto livre da altiva e boa gente barriga-verde.

Queira acolher os protestos de elevado apreço do velho conterrâneo, muito grato.

(Ass.) **Vidal Ramos.**

5-1º-48.

POESIA E CRÍTICA

NEREU CORRÊA

O meu primeiro encontro com a obra de Afonso Arinos de Melo Franco deu-se através d'“O Índio Brasileiro e a Revolução Francêsa”. E de tal modo me fascinou esse primeiro encontro que acabei sucumbindo ao desejo de conhecer-lhe toda a obra literária. Mal podia imaginar, porém, que o território espiritual do autor fôsse tão acidentado, tão cheio de altiplanos, uma espécie de cordilheira de que o livro acima é, irrecusavelmente, o ponto culminante. A minha decepção vem exatamente de eu haver começado a escalada pelo pico mais alto, tendo de descer, depois, para atingir a “Introdução à Realidade Brasileira”, “Idéia e Tempo” e “Conceito de Civilização Brasileira”. Mas, na etapa final, encontrei o crítico literário de “Portulano” e “Mar de Sargaços”, que me reconduziram, si bem que em planos diferentes, a uma altura só ultrapassada pelo “O Índio Brasileiro e a Revolução Francêsa”.

O que logo se acusa à nossa atenção, na obra de Afonso Arinos de Melo Franco, é o estilo. Estilo que eu diria — não estivesse já tão vasta a imagem ter gosto de fruta nativa, e fruta que nos é servida na ocasião mesma da recolha, ainda rescendendo a aroma de resinas silvestres. Afonso Arinos de Melo Franco escreve com a naturalidade de quem está conversando, e de quem sabe conversar com fluidez e finura de expressão. Se me pedissem para apontar o escritor mais tipicamente representativo do estilo brasileiro — não esse brasileirismo feito à custa de solecismos grosseiros — mas um estilo portador de todos os matizes com que a língua portuguesa se tingiu nos trópicos, eu não hesitaria em apontar, ao lado de Cassiano Ricardo, o autor de “Mar de Sargaços”.

Já que falei em estilo, devo dizer que talvez concorra para acentuar esse aspecto formal da sua produção literária a circunstância de que o autor, sempre que se coloca em face de um tema universal, não o deixa de marcar com o sinete da sua procedência, um “made in Brazil” que não está apenas no rótulo, mas na essência mesma da obra. Não vai nisso a afirmativa de que ele examina os temas universais sem transpôr as nossas fronteiras. Mas a constatação de que nossas excursões por terras alheias, no panorama literário, ele jamais esquece a sua carteira de identidade, como fazem alguns desses forasteiros despaisados das letras nacionais. Outro autor que também estuda o universal em função do nacional é Gilberto Freyre, que mesmo numa obra como essa que está publicando sob o título geral de “Sociologia” percorre todo o “mapa mundi” do pensamento sociológico sem nunca perder de vista a sua terra.

Voltando à obra de crítica literária de Afonso Arinos eu quero salientar, entre os estudos que ela reúne, o ensaio “A Poesia e um Poeta”, como um dos melhores e mais penetrantes dos volumes publicados. Trata-se de considerações em torno da poesia moderna a propósito de um livro de Carlos Drummond de Andrade, considerações em que entraram alguns conceitos sobre Cruz e Souza que me parecem injustos.

Antes, porém, de entrar na apreciação desses conceitos, o que farei mais adiante, deixo-me conduzir pelas idéias do autor de “Portulano”, que me atraem irresistivelmente para o tema: poesia e forma. Como muito bem

acentua Arinos, já estamos “fartos de pedras atiradas nos que as mereceram. Eles já estão mortos. Agora precisamos reunir as pedras para as construções amplas, em que caiba muita gente”. Eis aí uma observação que, embora visando a atitude destrutiva dos agitacionistas, traduz ao mesmo tempo todo esse drama em que se debate a poesia moderna no terreno da criação. Quando falo em poesia moderna, ponho de lado qualquer sentido cronológico para adotar o critério que julga essa poesia na medida em que ela se afasta dos modelos tradicionais. Faço esta advertência porque, dentro dos quadros desse movimento renovador, situam-se várias sub-escolas (diria melhor vários grupos), cada um procurando fixar-se em formas diferentes, mas nutrindo-se, todos, da mesma seiva renovadora que alimentou o modernismo. Daí por que essas diferentes modalidades do modernismo se confundem até certo ponto com o pano de fundo do movimento que as animou, tão diluídos se nos apresentam os seus traços distintivos. E a interpenetração que há entre as múltiplas expressões desse amplo movimento renovador é tão íntima que, fora das esquematizações puramente históricas ou filosóficas, dificilmente conseguimos fixar-lhes os limites ou as balizas demarcadoras do seu caráter expressional. Que diferença existe, por exemplo, entre estes versos

Recalques em gaz-neon
relógio pulseira, cortinas
sedas do domingo liberto.
Calmaria
soterrando os seios da datilógrafa.

Reposo sem pressa.
Boca de pastora
entre celofex forrando o quarto
para amortecimento
de susto e retrato.

de um poeta da novíssima geração, dessa geração que vem realizando esse movimento que Tristão de Atalfe definiu como post-modernista ou néo-modernista, e os daquela outra que a precedeu, nas suas experiências mais arrojadas e por isso mesmo mais percíveis como obra de arte?

Sempre que nos defrontamos com as velhas correntes da poesia, logo identificamos a linha divisória que distingue, entre si, classicismo, romantismo, parnasianismo e simbolismo. É que os versos modelados segundo esses cânones adquiriram fisionomia própria sem abandonar os elementos clássicos da expressão. Bem sei que o problema da forma em poesia é acessório, e que as regras não passam, muitas vezes, de “sapatos chineses” torturando e tolhendo a inspiração poética. Mas não se deve esquecer que, embora possa haver da melhor poesia num simples trecho de prosa, a sua forma de expressão correspondente é o verso, porque é através dele que a obra poética adquire personalidade, ou melhor, que a poesia se projeta na sua legítima representação formal. Todos sabem que o verso, segundo o conceito clássico obedeceu,

A Exposição

de ELIAS FEINGOLD

RUA FELIPE SCHMIDT, 54 - TEL. 1603

Casemiras - Tropicais - Linhos - Brins
e Sedas. - Confeções finas para homens,
senhoras e crianças.

TAPETES E CONGOLEUNS.

Distribuidor dos aparelhos de rádio “Olimple”,
“Airmec” e RCA Radiola

VENDAS A VISTA E PELO SISTEMA
CREDIÁRIO
FLORIANÓPOLIS

Restaurante Estrêla

Bebidas nacionais e estrangeiras

Cosinha a la “carte”

Asseio e prontidão

WALDEMIRO ALVES

Praça 15 de Novembro



EDIÇÕES ATLAS SANTA CATARINA LTDA.

Rua Felipe Schmidt, 52 (defronte ao IAPC.

FLORIANÓPOLIS

Livraria Artigos para Presentes Papeleria

Avisamos aos amantes do bom livro que acaba de chegar **nova linha** de livros edição "IPE" de leitura atual e própria para todos quantos desejam inteirar-se do andamento dos acontecimentos mundiais:

| | |
|--|------------|
| Artur Koestler, O Zero e o Infinito | Cr\$ 40,00 |
| William Bullitt, E o Globo Desaparecerá | Cr\$ 35,00 |
| Leon Trotzki, Stalin... (é a biografia que custou a vida ao seu autor) | Cr\$ 60,00 |
| Duarte, Palmares pelo Avesso | Cr\$ 45,00 |

Romances em italiano entre outros:

| | |
|---|------------|
| V. G. Rossi, Oceano | Cr\$ 30,00 |
| Robert Graves, Io Claudio Imperador | Cr\$ 55,00 |
| Guido Piovene, La Gazzetta Nera | Cr\$ 25,00 |
| Scioklov, II Placido Don 1º vol. | Cr\$ 45,00 |
| " " " 2º " | Cr\$ 45,00 |
| " " " 3º " | Cr\$ 50,00 |

Obra Clássica:

| | |
|-----------------------------------|------------|
| Joaquim Nabuco, MINHA FORMAÇÃO .. | Cr\$ 45,00 |
|-----------------------------------|------------|

(o 1º da série Nabuco composta de 12 obras)

Obra Médica:

| | |
|--|-------------|
| Fleming, A Penicilina e Suas Aplicações Práticas | Cr\$ 150,00 |
|--|-------------|

Pedidos do interior serão atendidos pelo Reembolso Postal sem acrescimo

UMA ORGANIZAÇÃO A SERVIÇO DA CULTURA NACIONAL

sempre, a certas exigências técnicas, como a métrica e a rima — para só citar as principais — exigências que nunca deixaram de ser cumpridas pelas escolas já enumeradas, embora fixando-se em novos ritmos e renovando-se intrinsecamente. Ora, o modernismo, contrariando esse movimento de renovação dentro da própria tradição, criou uma forma que se afirma pela negação, pelo despojamento total daquele arcabouço doirado, mas muitas vezes vazios, das velhas escolas. Destruiu os modelos consagrados sem haver encontrado outro em que se afirmasse mais completamente o seu espírito criador, embora não se negue que dentro da poesia moderna existem poetas tão grandes quanto os do passado. É exatamente aqui que eu desejo ligar aquela observação de Afonso Arinos de Melo Franco, a qual, referindo-se à atitude dos novos diante dos velhos, traduz, ao mesmo tempo, a angústia em que aqueles se debatem, na procura de uma forma em que se possam cristalizar definitivamente. Sei que a palavra definitivamente não soará bem aos ouvidos dos que não compreendem a poesia sem esse caráter dinâmico, de essência à procura de novas formas mas que em nenhuma se fixa porque elas representam a negação do seu fluxo vital que reside exatamente nesse eterno vir a ser, ou melhor, nessa degradação da potência pelo ato e sua conseqüente insatisfação, porque em poesia o ato é que é imperfeição, ao contrário do princípio da lógica transcendente de Aristóteles. Para usar de uma definição mais prosaica, eu diria que os adeptos desse dinamismo poético preferem a disponibilidade para a poesia, ao estado de cômoda e imutável vitaliciedade. Até certo ponto estou de acôrdo, porque a vitaliciedade representaria a morte, a fossilização da poesia. Mas a disponibilidade é o vácuo, o incorpóreo, o transitório. Definindo melhor o meu pensamento, quero esclarecer que toda geração que se proponha renovar os modelos que já encontrou no seu caminho não pode ser apenas disponibilidade. Tem que ser uma coisa e outra. No primeiro período, o da disponibilidade, é que ela inventa, é que ela recolhe o material com que vai levantar o edifício que há-de acolher e agasalhar no período da vitaliciedade. Será necessário repetir, aqui, o truismo de que todo movimento renovador — superada a fase revolucionária — procura uma forma em que se fixar, e que só depois de encontrada essa forma é que se inicia verdadeiramente o processo construtivo, a obra de criação propriamente dita? É verdade que muitos modernistas ainda vivem pervagando entre as próprias pedras que atiraram sem saber o que vão com elas construir, como também é verdade que muitos deles já levantaram construções isoladas, e sólidas construções. Mas ainda faltam as linhas mestras de um conjunto de construções formando um bloco orgânico, cuja feição não se caracterize somente pelo seu aspecto negativo mas sobretudo pela força vital do seu poder criador.

Se analisarmos, porém, as condições sociais do meio em que a poesia dos nossos dias vai buscar os elementos de sua inspiração, verificaremos que esse frêmito, essa inquietação, essa procura incessante de novos caminhos não é mais que uma decorrência lógica da vida que vivemos. Vida que se assemelha a um trem rodando com incrível velocidade, e de cujas janelas não podemos fixar a paisagem nos seus aspectos acadêmicos, sinão em perspectiva e variando sempre de ângulo, tão rápida é a sucessão dos quadros da natureza através dessa vertiginosa corrida pelas escarpas do tempo. Atravessamos zonas cálidas, em que a natureza nos acena com promessas de primavera; mas de súbito mergulhamos num túnel imenso e asfíxiante que parece não ter mais fim e, quando dele emergimos, já não vimos mais a luz do dia porque um denso nevoeiro nos envolve e o frio nos obriga a cerrar as janelas e a nos enclausurarmos dentro de nós mesmos, tirando-nos todo o contato com o mundo exterior.

A poesia, para não fugir à realidade, tem necessariamente de participar desse dinamismo e dessa angústia que caracterizam o mundo moderno, principalmente quando se trata de poesia interessada no movimento social dos nossos dias.

Referindo-se ao hermetismo da poesia moderna, que a tem distanciado cada vez mais do povo, Arinos reconhece que a incapacidade de comunicação dos nossos poetas não deve ser, a rigor, computada entre os seus valores positivos. Isto sob o ponto de vista artístico. Sob o ponto de vista social essa incomunicabilidade se transforma em valor negativo, porque subtrai da poesia esse elemento que ela podia representar como força social. E daí chega à conclusão de que nos falta uma grande voz, na poesia moderna, que faça o "coração da sua musa palpitar sincronizado com o dó seu povo". Uma voz cuja ressonância tanto se faça sentir nos meios cultos como no seio das massas, uma voz com aquele timbre das vozes de um Garcia Lorca ou de um Pablo Neruda. E acha que

Carlos Drumond de Andrade é um dos poetas modernos do Brasil mais bem aparelhados para satisfazer a essa necessidade, caso ele resolva sair da "tôrre de aço cromado" em que se encerrou.

Admito que um poeta mude de rumo sem prejuízo da sua arte. São experiências que às vezes a depuram e enriquecem. Mas não acredito que consigna êxito em qualquer experiência quando abandona a forma e a temática que mais intimamente correspondem com o seu temperamento artístico. No caso de Carlos Drumond de Andrade, poeta moderno em plena floração do seu gênio poético, essa mudança de rumo ainda é possível e poderá ser realmente proveitosa para a sua obra de arte. Para isso é preciso que a experiência seja fruto de uma inquietação, de uma necessidade de realizar-se através de uma forma nova, e não simples snobismo. É ele próprio quem nô-lo adverte naqueles versos do seu último livro "A Rosa do Povo":

**Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tem paciência, se são obscuros. Calma, se te provocam.
Espera que cada um se realize e consume
com seu poder de palavra
e seu poder de silêncio.**

No caso de Carlos Drumond de Andrade só ele nos poderá dar a resposta. O que acho descabido é que se lamenta que um poeta já desaparecido não tenha trilhado este ou aquele caminho, como se o artista dispuzesse, para o seu itinerário poético, de uma bússula que não a da sua própria sensibilidade. É por isso que não concordo com Afonso Arinos de Melo Franco quando afirma que "Cruz e Souza sacrificou o seu grande talento poético às exigências de uma escola a que não podia pertencer. Daí o ser ele hoje um capítulo de história literária e não um assunto vivo de literatura". Para em seguida exclamar: "Que coisas estupendas teria ele nos legado se tivesse seguido a linha do "Navio Negro", de Castro Alves"!

Eu penso que em matéria de poesia o poeta não escolhe a sua forma e o assunto como quem escolhe um bilhete de loteria. Ele segue instintivamente os impulsos interiores, esse "élan" misterioso que ele não sabe como nasceu mas sabe que existe porque lhe vibra na alma e lhe agita as emoções mais profundas do seu ser. Estou de pleno acôrdo com Arinos quando diz que a poesia nasce de um mistério, porque essa constatação, se não exclue, pelo menos considera nociva à pureza e espontaneidade do surto criador qualquer interferência especiosa tendente a modificar os rumos do poeta. É admitido esse mistério que podemos dizer que a criação artística nasce do chamado "estado de graça", para cuja formação concorre uma soma de fatores psicológicos e sociais, a que se vem juntar, às vezes, e quase sempre em prejuízo da poesia, fatores culturais. São influências internas e externas, uma atuando sobre a outra na sensibilidade do poeta.

Por que lamentamos que Cruz e Souza não tenha sintonizado o seu estro poético com a grande e sonora musa de Castro Alves se as paragens em que respirava eram bem diferentes e bem distantes daquelas em que ressoaram as estrofes clangorosas do cantor de "Navio Negro"? Lamentarmos que Cruz e Souza não tenha seguido a mesma linha de Castro Alves não equivale a pedirmos, hoje, a Carlos Drumond de Andrade que imite a Olavo Bilac?

Aliás, isso não é impossível, eu bem o sei. Mas, para usar de uma observação dêsse penetrante e vigoroso crítico paranaense que é Wilson Martins "ninguém consegue nada de positivo contrariando suas próprias tendências. Principalmente na poesia, que é um fenômeno substancialmente intuitivo, natural, não provocado". (**Interpretações** — pág. 132). E quando o poeta contraria essas tendências, quando lhe falta aquele **elemento subjetivo** de que nos fala Tristão de Ataíde na sua "Estética Literária", quando a poesia deixa de ser um mistério para ser um jôgo exotérico de palavras e de imagens, então ela perde tôda a sua força intrínseca para se tornar um objeto de função puramente ornamental. O poeta vira artífice e a poesia transforma-se em manequim de vitrine para exibição de roupagens vistosas e lantejoulantes. Não foi isso o que se deu com Cruz e Souza. Ninguém apreendeu melhor essa íntima correspondência entre a poética do Cantor Negro e o seu psicologismo que Roger Bastide, quando, alinhando Cruz e Souza ao lado de Mallarmé e Stefan George, afirmou que a rigor "não há experiência em Mallarmé, que se preocupou principalmente com a tradução poética de sua visão que fica sempre no terreno da pesquisa técnica, do trabalho voluntário e da arte, enquanto Cruz e Souza mais atormentado vive a experiência simbólica, acha seus símbolos não por artifício da vontade, e sim na espontaneidade da busca; experimentalmente no interior de sua saudade, como criação imprevisível e que se lhe impõe". (**Poesia Afro-Brasileira** — págs. 125 e 126).

Pela análise de Roger Bastide vê-se que Cruz e Souza criou o seu mundo poético para nele realizar a sua experiência simbólica, experiência vivida e sentida nos subterrâneos da sua alma. Criou o seu mundo poético para satisfazer a uma necessidade reclamada pelas suas próprias emoções, aquela necessidade de evasão para o transcendentalismo dos seus sonhos, que Bastide justifica com a origem africana do poeta e a necessidade de classificação social, necessidade essa que encontrou no simbolismo a sua forma expressional mais adequada.

Augusto dos Anjos também não apreciou criar uma técnica tôda sua, que muitos taxam de extravagante mas que indiscutivelmente era, para o poeta, a única capaz de comportar aquele estado agônico de uma sensibilidade insusceptível de exprimir-se, por exemplo, pelo tom ingênuo e suave de um Cassimiro de Abreu?

Afonso Arinos de Melo Franco foi injusto ao afirmar que Cruz e Souza é hoje um capítulo de história literária, e não um assunto vivo de literatura. O autor de "Faróis" nunca esteve tão vivo, na literatura brasileira, como hoje. Provam-no os numerosos trabalhos que têm aparecido ultimamente sobre o poeta Negro, trabalhos que lhe conferem um lugar de honra ao lado dos grandes vates nacionais. Cruz e Souza nunca foi mais compreendido do que agora. E não sei de maior consagração que um poeta possa obter do que essa que lhe é dada, não pela sua própria geração, mas pelas gerações vindouras. A sua predestinação é tamanha que muitas vezes obriga os seus próprios contemporâneos a se desdizerem, fazendo uma revisão dos falsos conceitos que acaso emitiram, como aconteceu, por exemplo, com José Veríssimo a respeito de Cruz e Souza. Aguardemos mais uns anos e vejamos o que não dirão muitos desses críticos que hoje condenam em bloco a poesia de Carlos Drumond de Andrade diante, por exemplo, de uma nova leitura de um poema como esse "Mário de Andrade desceu aos Infernos", de grande e admirável beleza trágica...

Em qual coração feminino deixará de haver uma magua?
Qual Mulher não sofrerá uma angustia?

Tôda mulher deve se orientar, lendo

VIDAS E DESTINOS

de LISANDRO DO CASTELO

Estudo soberbo de situações estranhas em 238 páginas cheias de colorido!

Preço Cr\$ 30,00

Adquira hoje mesmo esta obra indispensável, fazendo pedido pelo Reembolso Postal à

Organização Sulina de Representações Ltda.

Rua Felipe Schmidt, 52

FLORIANÓPOLIS S. C.

A significação dos vocabulos tupy-guarany

João Medeiros
Blumenau

Ao beletrista confrade
Antenor Moraes

(Continuação)

Prosseguindo na publicação dos vocabulos tupy-guarany, sua maior parte foi colhida, com a devida venia, do livro "Notas para a História Catarinense" da autoria do nosso distinto conterrâneo, ilustrado historiador contra Almirante Lucas Boiteux; e do "Dicionário Histórico e Geográfico do Estado de Santa Catarina", organizado pelo saudoso conterrâneo Dr. José Arthur Boiteux, e do historiador Theodoro Sampaio e outros naturalistas, venho elucidar os leitores com a continuação dos referidos vocabulos.

Abacacaxi — De **yba** — catifruto cheiroso (Ananassa sativa).

Abio — vem de **abi** (chrysophyllum caimitum).

Aipim — de **a-ipi**, raiz enxuta.

Bacopary — de **pac-oba-y**, fruta que contem água.

Cajá — vem de **acaia**. Fruta da família Spondias Brasiliensis.

Cambucá — de **caá**, folha e mbocaba que estoura. É da família das Myrtaceas.

Cambiréla — De **cambirreya**. Muitos seios ou dorsos empolados, aludindo as sérras e picos do mar.

Camburiú — De **cambiri-y**, rio onde corre o leite, segundo Theodoro Sampaio.

Capanema — De **caá** — folha, herba, mato; e **ranema** ruim, imprestável.

Capim — De **caá** — maio, e **pi**, miudo — folha miuda.

Capivara — De **cará-pinara**, comedor de capim.

Capivary — Rio das Capivaras.

Cará — de **Acará**, peixe do rio, (Chromis acará).

Carijó — Vem de **cary**, **caray**, **caraij**, **carahyba**, nome que os indigenas davam aos brancos e **ijo** e ou **ijó**, descendente. Mestiço cruzado com branco.

Cangica — vem de **acan-gic**, grão móle ou cosido.

Caroba — de **caá**, folha de **iróba**, amargo. Herva amarga.

Chapécó — De **chá**, ver, avistar; **apé**, o caminho, e **có**, a roça. Donde se avista o caminho da roça.

Cotegipe — De **coti-gy-pé**, no rio torto ou sinuoso, segundo Theodoro Sampaio.

Cubatão — vem de **ijbij** — terra, antan, morro, elevação terra montanhosa.

Curitibanos — De **curi**, pinhão e **tyba**, ou **tuba**, muito. Pinheiral.

Embituba ou **Imbituba**, vem de **imbé**, planta trepadeira, e **tuba**, muito. Logar de muita planta trepadeira.

Garopaba — Diz o historiador Lucas Boiteux que este nome vem grafado — **Cahopapaba** — na carta de Turim; 1523, e pela primeira vez.

Nas seguintes, assim: **Upana**, **Upaba**, **Guarupéba**, etc. Vem de **igara**, canoa e **upaba** lagoa. Lagoa da canoa.

Gravatá — De **caruá**, escamoso, e **tã**, rijo, duro. Caruá duro.

Guabiróba — Vem de **guab**, comida e **iróba**, amargo. Fruto amargo.

Guamirim — de **guá**, vale e **mirim**, pequeno. Vale pequeno.

Guaratinguetá — vem de **guará**, passaro, **tinga** branco, **eté**, reunião.

Reunião, dos passaros brancos.

Gij ou **Igij** — que significa machado. Ao norte da barra da Laguna, existe o morro de **Gy**, que apresenta a configuração de um machado.

Imarubij — vem de **mberú** e **i**, pequeno; mosquito.

Inhambú — De **inaijá**, a palmeira (Attaléa compta).

Ipanema — De **ij**, rio, e **panema**, ruim, imprestável — rio imprestável.

Iranij — de **ê-ir**, o mel e **ij**, rio; rio do mel.

Itacolomy — De **ita**, pedra e **curumi** filho; o menino de pedra.

Itaguassú — de **ita** pedra; **guasú**, grande. Pedra Grande.

Itaipava — Vem de **ita**, pedra; e **ipaba**, levantada. Recife, travessão rochoso.

Itajahy — de **tayá** (Aroidea) e **ij**, rio. Rio do **taijá** **Itajubá** — **Itá** **ijubai**, pedra amarela ou de **itá-gibá**, braço de pedra.

Itapema — De **ita-pêma** — Pedra rasa — Lageado.

Itaperiú — De **ita**, pedra, **apir**, elevado, cabeça e **y** rio. Rio do Cabeço de pedra.

Itaperobá — de **ita-apéubá**. Pedra do Caminho da Canoa.

Itapoceróy — Vem de **Itapeba** — **coroi**. Lage que abrólha.

Itapocú — Vem de **itá-pocú**. Pedra comprida.

(Continúa)

NOVO GABINETE DENTARIO

A nossa encantadora Capital conta, desde o mês de janeiro último, com novo e bem montado gabinete dentário, o qual ficou magnificamente situado à Praça 15 de Novembro, n. 12.

O dr. Ivo Mosimann, que é o seu proprietário, formou-se pelo antigo Instituto Politécnico, em 1924. Fez cursos de aperfeiçoamento em Curitiba e São Paulo. Por muitos anos, exerceu a profissão em Curitiba e Brusque.

Transferindo, há pouco, a residência para Florianópolis, montou seu gabinete dentário com a técnica mais completa, inclusive laboratório de prótese.

Em se tratando de competente profissional, é óbvio que o dr. Ivo Mosimann encontrará um ambiente muito favorável para exercer a profissão e contará, na certa, com a preferência da população. Esses são os votos muito sinceros de ATUALIDADES.

CARNEIRO & IRMÃOS



MÓVEIS FINOS

Rua Felipe
Schmidt, 33

Florianópolis

A Grande Família

Fantasia relativa aos Estados Sulamericanos

A. CABRAL JOR.

«O que existe arraigado no coração de todos, das praias do Atlântico às do Pacífico, é o sentimento da inviolabilidade do patrimônio continental»

GETÚLIO VARGAS

«Sem idealistas seria inconcebível o progresso. O culto do «homem prático», limitado às contingências do presente, importa numa renúncia a toda perfeição. O hábito organiza a rotina e nada cria no sentido do porvir; só dos imaginativos é que a ciência espera as suas hipóteses, a arte o seu voo, a moral seus exemplos, a história suas páginas luminosas. São a parte viva e dinâmica da humanidade. Os práticos nada mais fizeram do que aproveitar do seu esforço, vegetando na sombra».

JOSÉ INGENIEROS

Ante-sala

Queira estar à vontade e não faça cerimônia. «A Grande Família» tal como deve ser apreciada, é simples fantasia, vestida com modesta roupa-gem, e nada mais.

Se o amigo é exigente, se pretende esquadrihar com um estilete agudíssimo tôdas as minúcias, ou se encarna aquele tipo *tristemente-engraçado*, cuja alma sente enlêvo na harmonia deliciosa de um tango argentino ou de uma bonita valsa que enternece o coração da gente, mas, por amor às aparências, prefere ouvir clássico, embora fique a dormir desde o primeiro ato, então, meu caro, não passe desta ante-sala; levante-se, pegue da cartola e volte. Não se esqueça, porém, de fechar a porta.

Mas se for dono de um espírito bondoso e simples, mesmo tutelado pelo brilho de boa cultura, como ainda sói acontecer em almas grandes; se pretende ajudar-nos com a sua primorosa imaginação, pode entrar. Irá assistir a um «*prolem sine matre creatam*», que andou por aí bebericando em diversas fontes, algumas gotinhas de água, para sentir-se um pouco menos orfanado.

Ilustração

Uma vez que o amigo passou da ante-sala, desejamos dizer-lhe duas palavras:

Era nossa intenção apresentar «A Grande Família» com tôdas as figuras ilustradas.

Mas, para isto precisaríamos daquela outra «roupa»...

Como não nos foi possível, o prezado amigo, à proporção que for passando os olhos por sobre a nossa «morada», poderá fazer um leve e oportuno esforço de memória, e, então, verá, na certa, aqueles desenhos interessantíssimos e expressivos que Belmonte costuma desenhar.

Seriam as lantejoulas da «toilette».

PRIMEIRA PARTE

«Nada mais útil a procurar do que um amigo; nada mais doce, agradável e vantajoso do que conservar uma amizade.»

Santo Agostinho

«A Grande Família Sulamericana pode e deve viver em harmonia, unida e forte.

Guardiões da harmonia continental

Rudá

(Mitologia indígena, do Livro «O Selvagem» do Gal. Couto Magalhães. 3a. Edição 1935)

«As tradições figuram-no como um guerreiro que reside nas nuvens. Sua missão é criar o amor nos corações dos homens, despertar-lhes saudades e fazê-los voltar para tribu, de suas longas e repetidas peregrinações. Como os outros deuses parece que tinha deuses inferiores a saber: CAIRE', ou lua cheia; CATITI, ou lua nova, cuja missão é despertar saudades no amante ausente».

Imaginação do autor

Das emanções do sangue, jorrado por sobre as terras sulamericanas surgiram as duas figuras centrais desta fantasia:

De um lado, a criatura,

Rudacairé

Coração e espírito

Rudacairé, filho espiritual do amor de Rudá e Cairé, ao nascer, teve a graça cristã de receber, em suas veias, uma das gotas do sangue de Jesus, que não chegara ao solo do Golgoa; gota que, evolada pelo espaço, se lhe transfundiu em todo o sangue, sob a predestinação de consolidar e manter o espírito de amor e de fraternidade entre os povos do continente sulamericano.

COMERCIO E INDÚSTRIA

K. RAMTOUR

Florianópolis - S. Catarina

FA'BRICA DE BANHA

Produtos suínos - Conservas - Comestíveis - Salsicharia - Laticínios - Aves frigorificadas - Ovos etc.

MERCADO PUBLICO MUNICIPAL



Drogaria e Farmacia

- "Catarinense" S. A. -

Matriz: JOINVILE

Rua 9 de Março, n.º 638
C. Postal, n.º 95 - End. telegr. «DROGARIA»

Filiais:

FLORIANÓPOLIS - Rua Trajano, n.º 5
BLUMENAU - Rua 15 de Nov., n.º 508
BRUSQUE - Av. João Pessoa, n.º 47

O mais variado estoque no Estado de
Santa Catarina:

Artigos Farmacêuticos
Prod. Químicos Industriais
Perfumaria
Artigos Dentários

Distribuidores exclusivos de:

PRODUTOS «CATARINENSE»
PRODUTOS «BOETTGER»
PRODUTOS «RAULIVEIRA»
PRODUTOS «SULBIOL»

De outro lado,

Tupalamos
(Fôrça e destemor)

Representante da fauna continental. De constituição orgânica dos ruminantes da família dos camelídeos, tem o físico ampliado de Lhama e o poder de locomoção de Pégaso.

Possui, como o cavalo de Perseu, asas que lhe dão a velocidade corística dos vendavais, a par de uma robustez hercúlea de Atlas.

Com entranhado amor à sua gente, razão da sua existência, derruba, se preciso, montanhas e afronta calamitosos perigos para vê-la unida, feliz e acordante.

Rudacairé e Tupalamos

Rudacairé cavalga Tupalamos. Ambos, com destinos semelhantes, se completam.

Dotado da invulnerabilidade de corpo e espírito, amigos inseparáveis, compreendem-se através de palavras e pensamentos. Vivem numa constante guarda, de norte a sul, de leste a oeste; da Ponta das Galinas ao Cabo Horn; das praias do Atlântico às do Pacífico; pelos Andes e outras montanhas; pelas planícies, pelos lagos, rios e florestas; por sobre povoados, vilas e agrupamentos; por sobre grandes e pequenas cidades, a semear com fartura, o espírito de harmonia, de afeto e de concordia, e a demolir o sentido estranho e perverso que Belzebu, quando pode, faz sentir pelo seu prisma, com o propósito de alterar a amizade continental.

SEGUNDA PARTE

De sobre os relevos

— Cá estamos, afinal, terminada a nossa ronda cotidiana de hoje, — disse Rudacairé ao companheiro e montada, Tupalamos.

Estes mais altos relevos dos nossos penates regularmente visitados por nós, todos os dias, encontram-se perfeitamente em ordem e a nossa «Grande Família» em paz. É um prazer imenso vermos aqui da Bolívia, no Nevado de Sorata, a 6.617.m., o seu vizinho Illimani c/6.413.m., e as outras pontas que se erguem para o espaço como a lembrar ao Criador o desejo de vivermos em paz através dos tempos, irmanados num só ideal de mútua compreensão.

Fartem-se os nossos olhos de ver a cadeia de montanhas que formam a cordilheira dos Andes, o paredão mais alto das Américas, — fortaleza inexpugnável com que a natureza nos presenteou, — em toda a costa ocidental da nossa morada.

Lá está, no Chile, o Aconcagua, a vulcânica montanha do Novo Mundo, com 7.130-m- de altura, olhando sorridente para a Argentina, a formosa dama de olhos lânguidos. De sua crista quase se poderia ver toda a nossa Família, se a visão não se fosse perdendo pela distância do norte.

Mas, ainda é cedo. Vamos ao Chimborazo, também nesta cordilheira, no Equador, a 6.310.m.

Rudacairé saltá ao dorso de Tupalamos, que, ergue as asas e ruma com o cavaleiro para o ponto indicado.

— Por aqui corre a linha equatorial, — continuou Rudacairé — em semelhante altitude sempre estamos a sentir a temperatura baixa, porquê estes picos, de ordinário, se acham cobertos de neve. Para o lado leste, à proporção que o terreno perde a altura, o calor vai aumentando, e temos, então, a zona tórrida.

Vamos lançar a vista por sobre as cinco cadeias da América Meridional: Já voamos pelas cabeleiras eriçadas dos Andes. A N. E., na dire-

ção do Oceano Atlântico, vemos o Maciço das Guianas, que separa o Brasil das Guianas, Venezuela e Colômbia; um pouco mais para baixo, em direção L., a Cadeia Oriental ou Maciço Atlântico, que percorre o litoral brasileiro, desde o rio S. Francisco até ao sul desse país; aqui, bem pela nossa frente, o Grande Maciço Central Brasileiro ou Goiano, e, olhando-se para o norte, o Maciço Nordestino.

Eis aí os básicos esteios da nossa grande casa, e as suas vigas mestras.

Quantas montanhas mais, quantos planaltos, planícies e campinas! Quantas riquezas possui a «Grande Família», que nem sequer lhe falta, além de outros mui diversos, o encanto de um lago, — que não é o unico, — nestas alturas, ali entre o Perú e a Bolívia, o Titicaca, a 3.915.m. altitude, c/209 km. de comprimento e 48 km. de largura, tendo a profundidade máxima de 213.m. A nossa maior piscina, onde se navega e reside a Ilha do Sol.

— Mas você não se referiu a todos os montes e montanhas, — resmungou Tupalamos.

— Certamente que não. Eu não lhe estou dando lição de orografia em tôdas as suas minúcias; não sou professor. Isto é somente o que a vista alcança aqui de onde estamos, ao de cima dos relevos. As montanhas e os montes, são, como sabe, inúmeros. Temos a Misté, no Perú com 6.100.m, em Sierra Ocidental, na Bolívia, o pico de Sajama, com 6.540.m., temos ainda o... ora, naturalmente vc. não há de querer descrição completa. Mesmo porque não é bem esta a finalidade da nossa palestra, no momento.

— E', vc. tem razão; pois nem sempre discrimino nomes, lugares e fatos; mas gosto de ouvir alguém que me fale de toda essa grandeza. Somente encarno a Força da nossa gente, — retorquiu Tupalamos.

— E eu, o Coração e o Espírito, — acentuou Rudacairé.

Alguns rios

— Contudo, insistiu Tupalamos, — fale-me dos rios, dos mananciais caudalosos, agigantados, que refrêscam a nossa terra e dão energia propulsora às suas atividades. Você os vê, a todos, de onde estamos?

— Sempre vejo tudo o que se refere à nossa Família. Quando os olhos da carne não alcançam, passam a funcionar os do espírito. Focalizarei alguns dos nossos rios, porém nada de minúcias, ouviu?

Temos, dentre muitos, o Oiapoque-490-km. —

entre a Guiana Francesa e o Brasil, lá para o norte. Enumeremos os que ficam no Brasil, que são muitos, e passam alguns pelas s/fronteiras, do maior para o menor, em extensão, sem falarmos nos pequenos: O colosso Amazonas 5.571-km-, rio oceano da América do Sul, o maior do mundo; o Paraná-4300-km-, Juruá-3.283-km-, Madeirá-3.240-km-, Purus-3.210-km-, S. Francisco-3.161-km-, Tocantins-2.640-km-, Paraguai-2.078-km-, Tapajoz-2.000-km-, Parnaíba-1.716-km-, Itapicuru Grande-1.650-km-, e Uruguai-1.500-km-, que fica entre a Argentina e Uruguai e banha parte do sul do Brasil. Neste país ainda encontramos os rios Iguassú-1.320-km-, Tieté-1.122-km-, Mearim-1.095-km-, Jequitinhonha ou Belmonte-1.082-km-, Paraíba do Sul-1.058-km-, Rio Doce-999-km-, Jaguaribe-850-km-, Gurupí-800-km-, Mucuri-528-km-, Paraguassú-520-km-, Contas-250-km-, e etc.

O Rio da Prata é a união do Uruguai e do Paraná, entre a Argentina e Uruguai. O Colorado-950-km-, na Argentina e o Rio Negro, também neste país, com 1.137-km-, atravessa o N. da Patagônia e deságua no Oceano. E ainda mais: cortando o maciço montanhoso das Guianas, temos o Orenóco-2.400-km-, o Correntine-600-km-, com saltos e cachoeiras entre a Guiana Inglesa e Holandesa, o Maroni-500-km-, entre a Guiana Holandesa e a Francesa, o Deseado-450-km-, na Argentina, o Galegos-180-km-, que desce dos Andes e muitos outros e outros...

(Continúa)

Cervejaria Catarinense S. A.

'OURO PILSEN'

a nossa cerveja de alta qualidade e de preço ao alcance de todos.

Representante: J. BRAUNSPERGER

Rua Felipe Schmidt, 41. Telefone 1350

— A CAPITAL — — A CAPITAL —

A CAPITAL
Oscar Cardoso S. A.
Confecção **DISTINTA** - Marca registrada

Da Fábrica ao consumidor, distribuída pela casa
A CAPITAL
Endereço Telegráfico: CAPITAL

Filiais: Blumenau e Lages
O melhor sortimento em artigos para homens, senhoras e crianças

— A CAPITAL — — A CAPITAL —

Noite de Natal

José Sanches Júnior

É noite de Natal. No ambiente cálido e festivo de uma sala, onde uma árvore de natal magnificamente enfeitada, com suas velinhas acesas e completamente cercada de presentes e brinquedos caros, faz quatro lindas crianças soltarem gritinhos de alegria e satisfação, vê-se um casal ainda moço e uma veneranda senhora contemplando o magnífico quadro, com a ventura estampada em suas fisionomias.

Enquanto as crianças brincam e as duas senhoras atendem a caçulinha, uma robusta e sorridente menina, o homem retira-se de mansinho, sem se fazer notado, e dirige-se ao seu escritório onde se acomoda em uma poltrona.

É um senhor de mais ou menos trinta e cinco anos, com traços fisionômicos severos, aparentando muito mais velho, mas seu olhar demonstra mansuetude e nostalgia. Tem-se a impressão de que muito lutou para vencer a longa e árdua senda da vida. Queda em longa meditação e pelo seu pensamento se desenrolam as passagens mais remotas de sua existência, rememorando os anos primeiros de sua infância.

Quarto e último filho de um casal de estrangeiros, teve a infância comum das crianças remediadas. Embora vivo e cheio de saúde, sempre fôra um emotivo. Recorda com nitidez um Natal em que tendo ganho de Papai Noel, bons presentes, dentre os quais uma corneta, um tambor e uma espada, e paramentado por seus irmãos em um completo "soldadinho de chumbo", recusou-se a sair à rua para exhibir-se às demais crianças. Durante a noite não conseguiu dormir e sua cabecinha ficou agitada por pensamentos desconcertantes. Pela madrugada levantou e foi examinar seus brinquedos. Alí estavam reais e bonitos, mas as lágrimas assomaram aos seus olhos juvenis. Porque chorava? Talvez por não compreender o motivo de algumas crianças receberem ricas roupas e numerosos brinquedos, muitas frutas e doces saborosos, enquanto outras nada ganharam do Velhinho e em seus lares não houve o festivo pinheirinho e nem sapatos possuíam para que neles fossem depositados os presentes.

Essa foi sua primeira dúvida quanto a existência de Papai Noel e sua tão propalada bondade e imparcialidade.

Passado o período escolar, em que sempre se houve com boas notas, começou cedo ainda, com apenas treze anos de idade, a lutar pelo pão de cada dia. Isso fez com que conhecesse a vida e com ela suas venturas e seus revezes.

Como simples operário trabalhou até os vinte anos e com o seu ganho modesto e sacrifício de todos os gozos da mocidade, conseguiu cursar escola secundária, diplomando-se e ficando apto a desempenhar-se de funções mais elevadas.

Pobre e tímido, com falta de convívio entre a mocidade buliçosa e alegre, tornou-se um moço velho. Dava preferência em suas amizades a pessoas de mais idade e experiência, de cuja palestra e conselhos pudesse aurir novas forças para enfrentar o futuro que lhe aguardava.

Esse futuro lhe veio venturoso. Conseguiu em concurso, uma ótima colocação e pelo seu esforço e dedicação ao estudo e trabalho, galgou os postos mais elevados.

Chegara a ocasião propícia e há tanto esperada de dar aos seus velhos Pais o conforto e a tranquilidade a que faziam jús na sua velhice, como prêmio de educar quatro filhos. Era jubilozo para êle, o mais moço dos filhos, ter a grata incumbência de dar um pouco, em retorno, do muito que havia recebido dos Pais.

Mas, em outra noite de Natal teve nova dúvida da existência de Papai Noel.

No meio daquela noite alegre, quando fazia apresentação da jovem que lhe conquistara o coração e que em breve tornaria sua espôsa, viu o velho Pai procurando esconder, para não perturbar a alegria familiar, dores atrozes que lhe debilitavam o organismo.

Duvidou da justiça Divina, porque nesse momento constatou que aos poucos lhe era roubado aquele ente querido e a quem ainda queria pagar sua grande dívida.

Naquela noite de Natal, viu pela vez última aquele homem simples e bom, honesto e justo, que foi seu Pai.

Logo após a morte do Pai, constituiu seu lar. Os anos passaram céleres, trazendo-lhe a ventura de dois casais de filhos. Continuou progredindo no emprêgo e sentiu a estima dos chefes e colegas.

Tinha recebido uma paga imensa, pelo sacrifício imposto ao seu "eu" durante a mocidade.

Mas a dúvida atroz tornou ao seu cérebro acostumado a resolver os mais intrincados problemas, porque agora podia proporcionar aos seus filhos e parentes, todo conforto, ofertar-lhes presentes e vê-los alí na sala, risinhos e contentes, sabendo que alhures havia algumas criancinhas talvez chorando por um pouco de leite e um pedaço de pão; um homem segregado do convívio da sociedade, dentro de um cubículo de penitenciária, precisando de conforto moral; uma mulher de vida fácil, tentando esconder tôda sua magua, necessitando de uma mão amiga para sair do cáos; enfim tôda humanidade aspirando por Paz e tranquilidade, enquanto alguns assomam às tribunas para pregar novas guerras, novas vitórias, novas carnificinas, para depois contemplarmos o quadro doloroso dos inválidos, das viúvas, dos órfãos!

E, na sua tremenda dúvida, o homem lançou um olhar aos céus e do fundo de seu coração rogou ao Pai Eterno que tornasse realidade a — "Glória a Deus nas alturas e Paz na terra aos homens de boa vontade".

MADEIRAS E FÉCULA

End. telegr.: «LUIZINHO»

Códigos: «Ribeiro» e «Mascotte»

ESCRITÓRIO EM JOINVILLE

Caixa Postal, 190

LUIZ OLSEN S. A.

RIO NEGRINHO

Santa Catarina — Brasil

SERRARIAS

Madeiras

em bruto e beneficiadas

PASTA MECANICA

Um buquê de Saudades

a um jovem que o destino traiu

Lentamente ia se sumindo a luz dos refletores do velho ano, exausto, já no fim da sua longa jornada para o ocaso.

Os últimos minutos de 1947 pingavam dos relógios indiferentes ao tempo, rolando uns após outros quais perolas de um colar desfeito e... sucessivamente iam êles silenciosos, como num cortejo funebre, mergulhando no pço escuro e fundo do passado.

A tarde morrente de 31 de dezembro gozava as últimas caricias do sol de zarcão que empalidecia no poente e... os retalhos de luz que irradiavam do disco rubro do sol se assemelhavam aos candelabros da saudade num supremo esforço a iluminar a noite escura de um romance triste que acabou.

No estertor da morte agonizava o último dia do ano sucumbindo de segundo em segundo, expirando de minuto a minuto; morrendo aos bocadinhos como gotas de dor saídas do cubículo da desdita para o carcere sombrio do esquecimento.

O tic-tac dos relógios estava impregnado da melancolia que reside nos vidros gotejantes das janelas, quando o céu chorando acaricia a terra com lágrimas de cristal.

A tarde clara e alegre não tardaria a se envolver em crepe; succumbia, morria aos bocadinhos...

Estava se consumando a translação da terra em torno do disco alaranjado do sol. As flôres se esvaiam em suave fragrancia acariciadas pelos últimos fragmentos de luz da tarde moribunda que agonizava no silêncio aveludado dos jardins.

O novo ano era esperado pelos homens que trocando apertos de mão formulavam mutuamente votos de felicidade. Ele não tardaria; caminhava com uma nova aurora repleta de promessas venturosas.

E... quando a tarde morreu, sob um céu recamado de estrelas luzindo, viam-se os homens que iam de roldão pela noite em fóra caminhando no fôfo e macio tapete de retalhos de ilusões.

Eu também acompanhava a caravana em busca da felicidade com um sorriso alegre boiando nos meus lábios, esquecido da maldade do destino, quando o emperdenido laconismo do telegrafo numa maré de horror sufocou a esperança que sorrindo acenava para mim.

— «Tito faleceu hoje vg atropelamento pt João».

Sim, na última folha do livro de registro do ano que estava morrendo foi inscrito pelo destino inclemente com a tinta roxa da desventura o nome de meu sobrinho.

E, o ano velho arrastou consigo um jovem no verdor dos anos que precisava viver para coroar com a magia da sua mocidade a cabeça encanecida de seu pai honrado.

Jamais, supor eu poderia que as trágicas trombetas da caravana da desdita soariam à nossa porta anunciando uma derrota fragorosa e que veria tão cedo, vencido e curvado ao peso da desventura, apoiado ao cajado da dor, caminhando com os olhos marejados de lágrimas, pelos dolorosos atalhos da recordação o pae do jovem que morreu com o velho ano — o meu bom irmão.

O' que mistura cruel é a vida!

— Risos, lágrimas, prazer, tirania...

Um bouquê de saudades — é tudo que resta do ano que se acabou...

O único

FLORISBELO

Alfaiate

Rua João Pinto. 21

Carlos Hoepcke S. A.

Comércio e Indústria

Telegramas: "HOEPCKE"

*
*
*

MATRIZ — Florianópolis — Santa Catarina.
FILIAIS — Blumenau — Santa Catarina.
Joaçaba — Santa Catarina
Joinville — Santa Catarina.
São Fco. do Sul — Santa Catarina.
Lajes — Santa Catarina.
Laguna — Santa Catarina.
Tubarão — Santa Catarina.

ESCRITÓRIO EM CURITIBA — Paraná, rua 15 de Novembro, 608, 5º andar.

SÃO PAULO — São Paulo, rua 15 de Novembro, 200, 7º andar.

SANTOS — São Paulo, Praça da República, 33, 1º andar.

SECÇÃO DE FERRAGENS

Ferragens em geral.
Materiais de construção.
Louças e tintas.
Comestíveis.

SECÇÃO DE FAZENDAS

Tecidos em geral.
Armarinhos — Tapeçarias
Panos para cortinas e estofamentos.

SECÇÃO DE DROGAS

Perfumarias.
Produtos químicos e farmacêuticos.

SECÇÃO DE MÁQUINAS

Máquinas e motores para todos os fins.
Motores Diesel — Bicicletas — Motocicletas.
Rádios — Geladeiras — Enceradeiras.
Material para instalações elétricas e mecânicas.
Artigos elétricos — Ferramentas de precisão.
Secção especializada em artigos para presentes.

SECÇÃO AUTOSHELL

Automóveis e caminhões — Chevrolet — Oldsmobile
— Cadillac — Peças e acessórios "GM".
Produtos de petróleo da Anglo Mexican.
Pneus e produtos "Goodyear".
Oficinas e Postos de Serviço nas principais cidades de Santa Catarina.

SECÇÃO MARÍTIMA

Estaleiro Arataca — Vapores
Aparelhamentos completos para cargas e descargas em Florianópolis e São Francisco do Sul.
Despachos marítimos em Florianópolis, São Francisco do Sul, Laguna e Santos.

Fábricas de Gêlo e de Pontas 'Rita Maria'
FLORIANÓPOLIS

À margem de Joaquim Nabuco

SERGIO MILLIET

Iniciando a publicação das obras completas de Joaquim Nabuco, o Instituto Progresso Editorial acaba de reeditar «Minha Formação». É um livro clássico de nossa literatura e um dos mais agradáveis pelo estilo limpo e aristocrático do autor. Nenhum excesso de linguagem, nenhum entusiasmo romântico, tudo medido, pesado, de um equilíbrio que sabe a Renan e por vezes cansa como cansa a perfeição. A descoberta de uma página perfeita nesta hora em que a anormalidade se tornou normal, apresenta-se como um balsamo poderoso para os sentidos todos. Daí o encanto que podemos encontrar em livros como «Minha Formação».

Afora as razões de ordem estética, porém, esse livro é de grande interesse como informação acerca da mentalidade das últimas gerações do Império, de sua cultura e de seu pensamento político. Três ou quatro características sobressaem desde logo: a solidez do ensino, o universalismo, o des-nível entre a elite e o povo, etc.

Da solidez do ensino, principalmente no que respeita às humanidades, tem-se a mais bela prova nas leituras de Joaquim Nabuco, e no que transparece, em «Minha Formação» de sua cultura jurídica, filosófica e literária. Isso explica em grande parte o brilho e o discortínio de nossa diplomacia de então, formada de homens criados artificialmente, numa terra pobre, para o convívio das elites internacionais. Gente de estufa, com raízes plantadas em Londres e Paris, representando nas cortes estrangeiras o papel de um Brasil metropolitano que só existia, assim mesmo sob formas embrionárias, no Rio de Janeiro. Homens brancos, ricos e nobres, donos de terras e escravos, que iludiam o mundo e faziam acreditar num país em pleno progresso, numa potência de primeira grandeza e dessa ilusão tiravam real partido para sua pátria.

A visão universalista em um Brasil semi-colonial era por certo puro bavarismo, mas dessa capacidade de se imaginar diferente do que se é na realidade e agir de acordo com a imaginação, é que nasce o impulso criador, o ideal, e não nos cabe censurar, portanto, os dirigentes de então por terem atuado fora da «realidade brasileira».

Esse alto conceito da política e da participação evitou aos homens do Império a desmoralização dos baixos conluíus, e ao Brasil a desordem das guerras civis, das quarteladas. Tal conceito deu a esse período de nossa história uma prolongada paz, que mais valeu para a consolidação da nacionalidade do que teria valido uma política provinciana e realmente objetiva. Esta nivela por baixo porque reduz à medida da aldeia os gestos e idéias dos estadistas, ao passo que aquela força os políticos da aldeia a se elevarem acima de sua realidade mesquinha. E com a ascensão deles melhora o nível geral. Uma permite que o espírito de lucro e as ambições vulgares orientem os estadistas; outra impõe um mínimo de moral, de honestidade e de dignidade ao jogo dos interesses pessoais e de grupos. Daí a política do Império ter obrigado os barões do café a uma decência e a uma medida, nas suas ambições, que não tive-

Papai Noel

para "ATUALIDADES"

Papai Noel, eu penso, oh meu amigo,
E' tudo que a ventura representa:
Horas felizes, paz, sossego e o abrigo
Em nosso peito de aureas esperanças,
E o amor que o nosso coração blenta,
Mancheias para esmola ao desgraçado,
Biquedros para o gozo das crianças,
Bonança em nosso lar abençoado
Que é qual um ninho feito de terrura,
De afeto cheio e cheio de doçura...

* * *

Papai Noel é isso tudo, amigo,
E' todo o rol dessa felicidade
E dos momentos que eu jamais consigo
Tornar agora em doce realidade...
E quem desfruta os bens que eu já não
[tenho

Inda é feliz, eu sei, e é venturoso,
Não vive ao jugo de pesado lenho,
Inda sorri, por certo, inda é ditoso...

* * *

O meu Papai Noel é só saudade,
E o seu farnel mais nada tem, sinão
Um mar, um mar-de-lagrimeiras que invade
Este meu dolorido coração!

SEBASTIÃO VIEIRA

ram os magnatas da industria na Republica nova.
Em «Minha Formação» mostra Nabuco como
o imperio se esforçou por formar homens excep-
cionais, descuidando embora das classes menos fa-
vorecidas. Sua orientação visou a criação de qua-
dros excelentes. Assim obedeceu, numa terra de
massas amorfas, a uma concepção que voltaria a
ser propugnada no mundo moderno dos técnicos
como a única eficaz. Desse modo, no seu idealis-
mo «sem raizes na realidade» revelou-se mais es-
sencialmente realista do que imaginam os incau-
tos de hoje, quando a adulação das massas e a
condenação da politica das minorias escondem ape-
nas as verdadeiras intenções personalistas dos de-
magogos. E' na falta de quadros que se apoiam as
ditaduras salvadoras. Bem o compreenderam os po-
liticos do Imperio, que, por te-lo compreendido,
obviaram aos inconvenientes do poder absoluto.
Com tal clarividencia, tivemos um governo monar-
quico liberal e responsavel na hora em que nossos
vizinhos, sob as formulas republicanas, sofriam o
jugo do absolutismo e da irresponsabilidade.



E todos, a seu turno, pedirão

«Saturno»

Fabrica de Choco-
late Saturno
BLUMENAU, S. C.

Representante em Florianop.:
JOSÉ P. LIMA
Caixa Postal, 49

Sociedade Anonima Comercial

CASA MOELLMANN

Casa fundada em 1869 - Com Filial em
Blumenau.

FLORIANÓPOLIS - Caixa Postal, 96

Secção de Artigos para Presentes :

Praça 15 de Novembro - Esquina Rua João Pinto
Tapetes - Malas finas para Avião -
Geladeiras - Utensilios Domesticos -
Cristais - Objetos de Arte - Valises e
Bolsas - Aparelhos de Porcelana para
Chá e Jantar - Jogos de Cristal para
Mesa e uma infinidade de outros Ar-
tigos para Uso Domestico e Ornamento
do Lar.

Secção de Ferragens :

Rua João Pinto, 2
Ferragens - Tintas - Oleos - Material
para Construções - Cimento - Louça
Esmaltada e de Alumínio - Cutelaria.

Secção de Automoveis :

Automoveis e Caminhões DODGE.
Aceitamos encomendas para entrega
oportuna.

Peças Ford, Chevrolet e Dodge.

Acessorios para Automoveis.

Angústia

OSMAR SILVA

De um mundo convulsionado pela mais cruel e devastadora das guerras, nasceu, cresceu e qual gigantesca nuvem negra, carregada de máus preságios, envolve a humanidade intetra, a angústia dos dias presentes. Depois de destruírem numa fúria insana tudo o que laboriosamente ajudaram a construir, procuram os homens assentar novos alicerces para consolidarem uma paz conquistada com a miséria, o sangue e a vida de milhares de criaturas.

Miséria, sangue, vidas e destruição... Repugnantes e desumanas fontes de renda que enriqueceram os fomentadores da guerra.

Nunca o mundo conheceu tantos milionários... nunca o número de miseráveis foi tão grande. Para cada novo-rico... um milhão de miseráveis!...

Nem como meio de purificação a guerra pode ser justificada. Os homens — que à vista dos seus horrores — deveriam se tornar bons, humanos e solidários, mostram-se, neste trágico após-guerra, mais embrutecidos e mais individualistas. Isolados no seu nefasto egoísmo, esbarram indiferentes na miséria que invade as ruas. Ouvem a grita dos desprotegidos... sabem que um mundo mesclado de miséria e de tragédia vive dependurado nos morros... sabem que nos limites do seu próprio mundo a angústia acompanha, silenciosa, a ronda infinita das horas.

Sabem e ouvem, mas não tem olhos para ver nem coração para sentir.

Apegando-se aos fiapos de fé que ainda a sustenta, a humanidade clama e ansia pela paz. Não somente a paz que afaste o fantasma da guerra, mas a paz que assegure o pão para o faminto e o agasalho para os que sentem frio. A paz que ilumine um caminho e faça sorrir os lábios do des-

graçado. Uma paz, senão niveladora, mas que suavise ao menos as duras e cortantes arestas sociais. Uma paz fundamentada na justiça, na bondade e na solidariedade e não um arremêdo de qualquer coisa que nem se pôssa definir.

Enquanto isso os poderosos, em meio às festas, banquetes, desconfianças e tramoias, continuam discutindo a paz.

Negociam a paz... brigando. E que se pôde esperar de uma paz mercantilizada, que deve antes de tudo ser conciliada aos mil interesses e ambições em jôgo?... São muitas as sardinhas para tão pouca brasa...

E á sombra disso tudo desfraldam uma bandeira feita de farrapos de ilusões.

A angústia móra nos lares e nos corações dos desprotegidos...

No olhar das mães infelizes e sofredoras... no olhar da criancinha faminta... no olhar do miserável que estende a mão.

Milhares de criaturas são vítimas das causas que a determinam e sofrem os efeitos dessas mesmas causas. A paz que desfrutamos pode satisfazer aos indiferentes e comodistas, nunca aos que mantêm acêsa a chama dos ideais humanos. Esses não de lutar por um mundo melhor.

Um mundo em que a justiça, a bondade, o amor e a solidariedade não sejam palavras vãs e não sirvam apenas de rótulos nas embalagens hipócritas com que são impingidas á humanidade. Os idealistas não de lutar sempre, escudados e fortalecidos pela fé e pela esperança.

Mesmo que não pôssam justificar a razão dessa fé!...

E um dia, um clarão há-de rasgar o céu!!...

DRS.

J. B. BONASSIS

A. G. DE ALMEIDA

F. MAY FILHO

— A D V O G A D O S —

Causas civeis, comerciais, criminaes, trabalhistas, contratos, naturalizações, consultas e pareceres

Escritórios:

Rua Felipe Schmidt 34 - sala 3 - Florianópolis
Rua Pedro Demoro 971 - Estreito

Torrefação e moagem de café

“MIMI”

Fabricante: I. C. Pires

Rua Cel. Pedro Demoro, 1352

ESTREITO

FLORIANÓPOLIS — S CATARINA

Tomé Café “MIMI”

Exija-o de seu fornecedor

Pães, doces biscoitos balas e caramelos
nos Varejos **MORITZ**

Soberana, Praça 15 - 1505

Tiradentes, 45 - 1225

C. Mafra, 59 - 1180

Morte...

JOSÉ CORDEIRO

Se a morte,
é a extinção da capacidade de pensar,
é aniquilamento,
é ausência de sensações,
é inexistência,
não há fundamento para que o homem tenha medo
[da morte,
porque,
morto,
nada mais êle há de sentir...

Também se a morte,
não eliminando o pensamento,
é mera transformação,
e depois dela,
há outras sensações,
não há motivo para que o homem tenha medo da
[morte,
porque haverá continuidade de pensar
e de sentir,
haverá vida,
embora sob condições diferentes...

..

Somos a resultante do passado,
e vivemos no presente.
fases do tempo.
A morte é o futuro,
consequência do presente,
— nosso modo de ser atual,
nêste momento,
agora!

O presente póde ser a causa.
O futuro o efeito.
Um a vida.
Outro a morte.
Logo,
o homem não deve preocupar-se com a morte,
e sim com a vida...

Cumpre-lhe, pois,
melhorar o presente — a causa,
para que o futuro -- o efeito,
seja melhor...

Para a felicidade humana,
a morte não importa.
O que importa é a vida!

Saibamos viver!
E vivamos bem a vida!

ESTABELECIMENTOS José Daux S. A.

COMERCIAL

Capital: Cr\$ 1.500.000,00

Sede: Rua Conselheiro Mafra 10

Fones: 1201 — 1435

Caixa Postal 176

End. Tel.: DAUX

FLORIANÓPOLIS

Santa Catarina — Brasil

Tecidos e armarinho por atacado

RÁDIOS e LAMPADAS "PHILIPS"

Refrigeração em geral

Oficinas técnicas de Rádio e Refrigeração

CINEMAS — DIVERSÕES TEATRAIS

Banco de Crédito Popu- lar e Agrícola de S. Catarina

CAPITAL REALIZADO Cr\$ 1.640.000,00

RUA TRAJANO 16 — SÉDE PRÓPRIA

Registado no Ministério da Agricultura pelo Certificado
n. 1, em 20 de Setembro de 1939

Endereço telegraf.: BANCREPOLA — Códigos usados:
MASCOTE 1ª e 2ª edição
FLORIANÓPOLIS

Empréstimos especiais a agricultores

EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — COBRANÇAS E
ORDENS DE PAGAMENTO

Tem correspondentes em todos os municípios do Estado.
Representante da Caixa Econômica Federal para a venda
de apólices do Estado de Pernambuco, com sortelo semes-
tral, em Maio e Novembro. Paga todos os coupons das
apólices Federais e dos Estados de São Paulo, Minas
e Pernambuco

Mantém carteira especial para administração de prédios
Recebe dinheiro em depósito pelas melhores taxas
C/C à disposição (retirada livre) 2%
C/C Limitada 5%
C/C Aviso-Prévio 6%
C/C Prazo Fixo 7%

Aceita procuração para receber vencimentos em tôdas as
repartições Públicas, Federais, Estaduais e Municipais

A Ciência do Homem no mundo moderno

EGON SCHADEN

Até há poucos anos não era muito grande o número de pessoas interessadas em questões antropológicas. As investigações sobre as raças humanas e as diferentes culturas pareciam dissociadas da vida quotidiana com seus problemas reais e suas solicitações constantes.

Não há dúvida de que a ciência não tem a preocupação de dar receitas e ditar normas de vida, uma vez que o seu objetivo é, acima de tudo, a pesquisa da verdade. Mas os resultados dessa podem e devem ser considerados pelo político, pelo legislador, pelo reformador social. Dessa maneira, os esforços do cientista se tornam valiosas contribuições para a construção do mundo melhor.

A cisão entre a Ciência do Homem e a realidade social era devida a fatores de vária natureza. Em primeiro lugar, às dúvidas e discussões dos próprios especialistas quanto aos fundamentos teóricos e aos recursos metodológicos de seu trabalho. Muito tempo se perdeu também com tentativas estéreis de determinar os pretensos estágios da «evolução» humana desde as suas primeiras manifestações culturais até as «conquistas» da civilização.

Nos vinte anos que decorreram entre as duas guerras mundiais, a antropologia fez entretanto progressos realmente notáveis. Um dos mais decisivos foi a renovação de suas bases teóricas e, em correlação com isso, a escolha de temas de discussão e pesquisa mais diretamente ligados com as preocupações dos políticos e administradores. Assim, os estudos sobre contactos raciais e culturais, sobre miscigenação, aculturação e assimilação vieram esclarecer muitas dificuldades surgidas em países ou territórios de imigração e colonização. Em consequência disso, vários governos já recorrem aos antropólogos para fazê-los participar da administração.

Durante a última guerra, que foi, pelo menos em grande parte, uma luta pela sobrevivência dos ideais democráticos nas diferentes partes do mundo, a sociologia e a antropologia dos países americanos procuraram determinar um pouco melhor do que até então se havia feito qual a natureza das instituições democráticas e quais as condições sócio-culturais a que correspondem.

De um modo geral, observa-se na antropologia contemporânea o esforço de definir o seu papel e de provar a sua utilidade em face dos problemas que agitam o mundo na crise atual. Daí o cunho não somente pragmático, mas quase polemista e jornalístico, de certo número de publicações antropológicas dos últimos anos. Vários desses trabalhos foram escritos conscientemente como «esforço de guerra» e, se não trouxeram novos dados científicos, serviram, em todo caso, para despertar um interesse mais geral pelos estudos de antropologia.

Em 1941, perguntava o Professor Boas: «Quem dentre nós, enquanto procura resolver algum problema teórico, não sentiu, uma vez ou outra, que os seus problemas são pequeninos e insignificantes quando o mundo inteiro está em chamas, quando milhões de indivíduos estão morrendo pela espada, pelas bombas, pela fome?» Em sua opinião, o homem de ciência precisa, a todo transe, manter acesa a chama fria da paixão que o faz procurar a verdade por amor a verdade. Mas acrescenta que a pesquisa da verdade não deve continuar a ser privilégio do cientista. Ao contrário, este tem a obrigação de fazer com que se difundam, cada vez mais, no seio da população a arte e o hábito de colocar o raciocínio claro acima das idéias tradicionais.

ARP & CIA., FILIAL EM JOINVILLE

RUA LUIZ BROCKMANN, Nº. 179 — CAIXA POSTAL, 76
JOINVILLE

AGENTES PARA O ESTADO DE SANTA CATARINA:
"THE LONDON & LANCASHIRE INSURANCE COMPANY LIMITED"
"COMPANHIA DE SEGUROS "CRUZEIRO DO SUL"
"COMPANHIA DE SEGUROS "SAGRES"
INCÊNDIO — TRANSPORTES — ACIDENTE PESSOAL — CASCOS

SUB-AGENTE EM FLORIANÓPOLIS: JAPY FERNANDES
RUA TRAJANO, Nº. 33 — SOBRADO

VISTORIADORES: — THE LONDON ASSURANCE
COMPANHIA DE SEGUROS "IMPERIAL"
COMPANHIA "ROCHEDO" DE SEGUROS

Por um Triz

VIRIATO CORRÊA

As cinco horas da tarde do dia 14 de novembro de 1889, o major Solon Ribeiro, vindo de S. Cristovão, saltou do bonde no largo de S. Francisco. E ao primeiro grupo de conhecidos que encontrou na rua do Ouvidor foi soltando a noticia que trazia engatilhada:

— O governo mandou prender Deodoro e Benjamin.

-- Devéras?

— Devéras!

Não era verdade. A noticia êle a inventara com o fim de apressar os acontecimentos. Em casa de Deodoro, na conferência dos «paisanos», a explosão do movimento que ia implantar a República no Brasil, havia sido marcada para o dia 20 daquele mesmo mês. Para êle Solon, criatura sanguínia, afôita e estouvada, a data era tardia porque o governo, conhecedor da conspiração, devia estar organizando a resistência. Se se não precipitassem os fatos tudo falharia. Aquele boato êle o vinha lançar nas ruas com o propósito de produzir a precipitação.

Quinze minutos depois a cidade fervia com a novidade. A porta dos jornais, nos cafés, nas casas de modas, nas confeitarias, em tôda parte, sabia-se da prisão de Deodoro e Benjamin.

Havia até quem já tivesse visitado Deodoro na fortaleza de Santa Cruz, o Benjamin na Ilha das Cobras. Os escritórios de Aristides Lobo, de Sampaio Ferraz, de Quintino, Julio Diniz e de outros republicanos, encheram-se de criaturas que iam indagar da veracidade da noticia. Lopes Trovão foi visto duas ou três vêses subindo e descendo a rua do Ouvidor, mais depressa do que de costume.

Solon voltou ao largo de S. Francisco tomou o primeiro bonde que partia para S. Cristovão. Ao chegar à antiga rua do Imperador avistou os alferes Joaquim Inácio e Manoel Joaquim Machado, que iam juntos, conversando. Saltou do bonde e soltou a bomba:

— Vocês já sabem? Deodoro e Benjamin estão prêsos. A policia e a guarda negra vêm atacar os quartéis.

No ânimo dos dois alferes aquilo foi como um punhado de brasas em palha sêca. Correram

ambos para os quartéis do 1º e 9º regimentos de cavalaria, naquela mesma rua.

Era o lusco-fusco. O tenente Coronel Silva Teles, comandante do 1º não estava no quartel. A officialidade, quasi tôda republicana, agiu livremente. Soldados à paisana saíram pela cidade incumbidos de chamar a officialidade em suas casas. Ao cair a noite, o 1º e 9º estavam formados. O 2º de artilharia a cavalo, alí visinho, preparou-se como que para sair à rua: animais atrelados aos carros, os canhões engatados.

Estava tudo preparado para o golpe. O boato do Solon tinha produzido o efeito desejado. A «procissão» teria que sair antes do amanhecer.

La caindo a noite quando Benjamim Constant, de tilburi, saltou à porta da casa de Deodoro, alí no Campo de Santana. Subiu apressadamente a escada e foi entrando casa a dentro, ar inquieto, assustado, misterioso.

— O marechal?

— Não está.

— Não está? Aconteceu-lhe alguma coisa? perguntou desassossegado.

Explicaram-lhe. Na noite anterior, Deodoro não dormira um segundo, atacado por violentos acessos de asma, a velha asma que o torturava desde muitos anos. E, como pela manhã estivesse profundamente abatido, aconselharam-lhe mudança de ares. Seguiram para o Andaraí, para a casa do seu irmão João Severino.

— E demora-se? indagou Benjamim, sempre inquieto.

— Esta noite dorme lá, informou dona Marianinha, a esposa do marechal. Lá êle já melhorou muito, dormiu sossegadamente a tarde tôda. Benjamim continuava preocupado.

— E' necessario mandar chamá-lo, disse. Ele precisa estar aquí, junto de nós, no centro dos acontecimentos.

E contou o boato das prisões que zoava pela cidade.

Nesse momento subia ruidosamente um grupo de officiais. Vinham anciosos, inquietos, aflitos, perguntando:

Livraria Moderna de PEDRO XAVIER & CIA.

Tipografia - Encadernação - Pautação

Rua Felipe Schmidt, 8 - Cxa. Postal 129
Telefone 1418

PAPELARIA - MIUDEZAS - ARTIGOS
ESCOLARES - FIGURINOS - REVISTAS
ESTAMPAS - ARTIGOS DE PINTURA
E DE ESCRITÓRIO E DE DESENHO etc

CASA

FOTO-AMADOR

G. Scholz

Rua 15 de Novembro, 596
Telefone 1010

BLUMENAU

Sociedade Beneficiadora de Madeiras Ltda.

TELEFONE 1248 - RUA 7 DE SETEM-
BRO

Blumenau

Fornecedores de Madeiras
em geral

Forro paulista

Encantoneiras de qualquer
espécie

Alinhamentos, etc.

Especialidade:

soalho marca

STROBEL

— O marechal? O marechal?

A casa começou a agitar-se. A todo instante tilburis parando à porta, a todo instante militares subindo a escada. Vinham tangidos pelos boatos das prisões. Benjamim no meio dos camaradas, insistia de momento a momento:

— E' preciso que Deodoro esteja aqui conosco. Necessitamos dele aqui. Não podemos prescindir da sua pessoa e dos seus conselhos.

O capitão Percílio da Fonseca, sobrinho do marechal, ofereceu-se para ir buscá-lo de carro.

Eram nove da noite quando Deodoro, de volta de Andaraí, chegou à casa do Campo de Santana. Salas, quartos, corredores, escada, tudo estava cheio de militares.

O velho deitou-se no largo sofá em que costumava pousar nas fâses tranquilas da moléstia e foi recebendo dos camaradas informações do que havia nos quartéis. Estavam os quartéis levantados, contando que se puzesse, naquela noite, a «procissão» na rua. Em S. Cristovão quasi tôda a tropa estava já de armas nas mãos, à espera apenas que lhe desse a ordem de marcha.

Deodoro voltou-se para Benjamim. Os dois se entreolharam silenciosos e entenderam-se pelos olhos. A situação era realmente gravíssima. Os acontecimentos tinham-se precipitado, não era mais possível esperar o dia 20, como se havia combinado.

— Se se esperar é a desgraça, disse Benjamim.

— O remédio é prosseguir, declarou o marechal.

E entrou a providenciar vivamente sobre a deflagração imediata do movimento.

Tinha-se esquecido da moléstia. Agora conversava animadamente com os oficiais, concertando planos, tomando providências, enviando ordens.

Era realmente espantosa a despreocupação das autoridades nos últimos dias do Império. O edificio do Ministério da Guerra ficava a poucos passos da casa de Deodoro, tão perto que, de lá, se avistava a casa e, da casa, se avistava o edificio; já ao Ministerio e à própria policia havia chegado a notícia do levante nos quartéis de S. Cristovão; tanto as autoridades militares como as civis estavam cansadas de saber que Deodoro conspirava contra o governo, e, no entanto, na casa de Deodoro, iluminada, ali à vista de todo o mundo, cheia de gente que entrava e saía, ninguem, ninguem do governo, teve a curiosidade de ir vêr o que se passava.

Deodoro não descansou mais um segundo. Dona Marianinha, de quando em vez, falava-lhe:

Já te esqueceste de que estás doente? Olha lá!

Realmente, naquela agitação, êle não se lembrava mais da moléstia.

Deviam faltar poucos minutos para a meia noite quando se deu a grande crise, crise que, por um triz, ia impedindo que o dia seguinte fosse o primeiro da República.

Estava Deodoro a examinar com o capitão Espírito Santo o plano para o ataque que o jôvem oficial lhe apresentara, quando se sentiu repentinamente sufocado. Era o acesso asmático que chegava provocado por aquela agitação que já durava três horas.

— Eu sabia que havias de piorar, disse dona Marianinha, acudindo. Tu não podes falar e estás falando desde que chegaste.

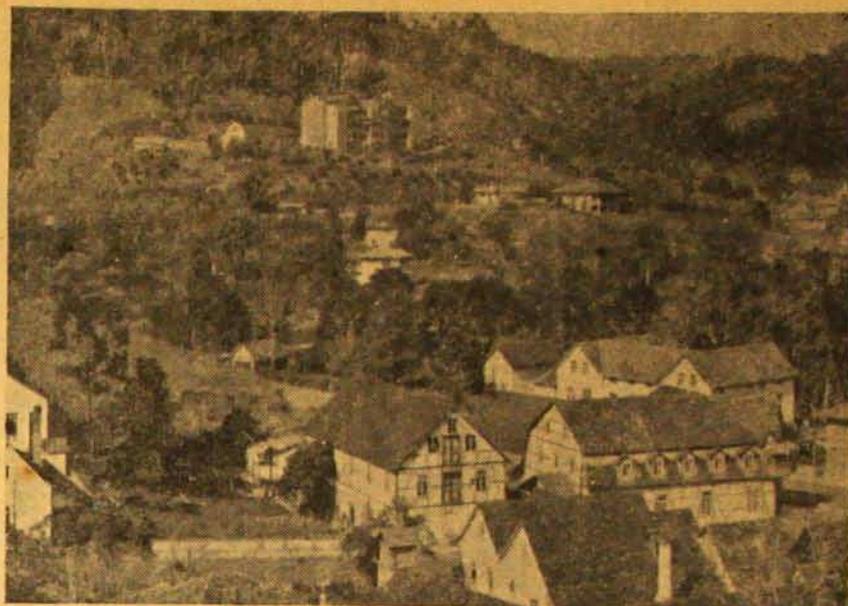
O acesso passou rapidamente.

— Fale menos, fale menos, pediu Benjamim a Deodoro.

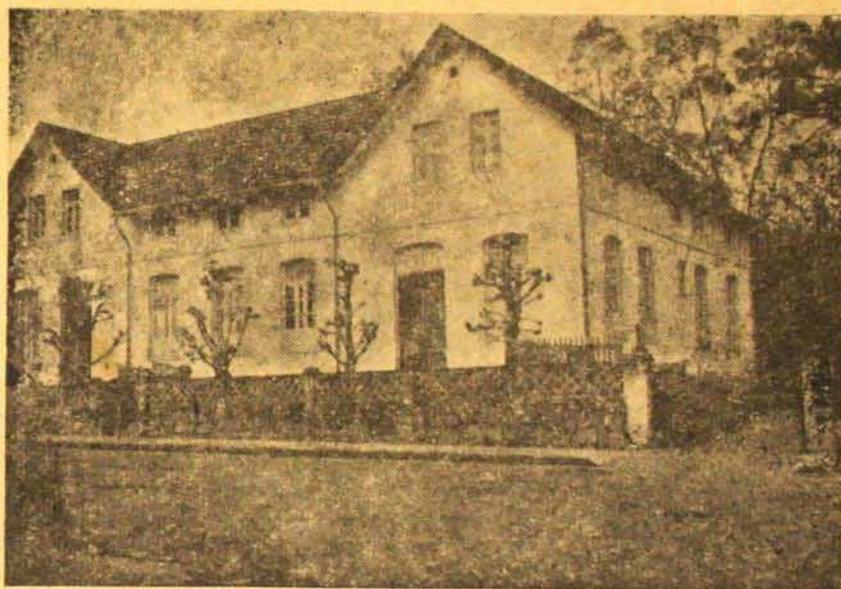
O marechal poupou-se por algum tempo. Mas, à certa altura da palestra sobre o plano de ataque, discordou o capitão Espírito Santo. E sentou-se no sofá para expôr os seus argumentos. E, senta-

Ibirama

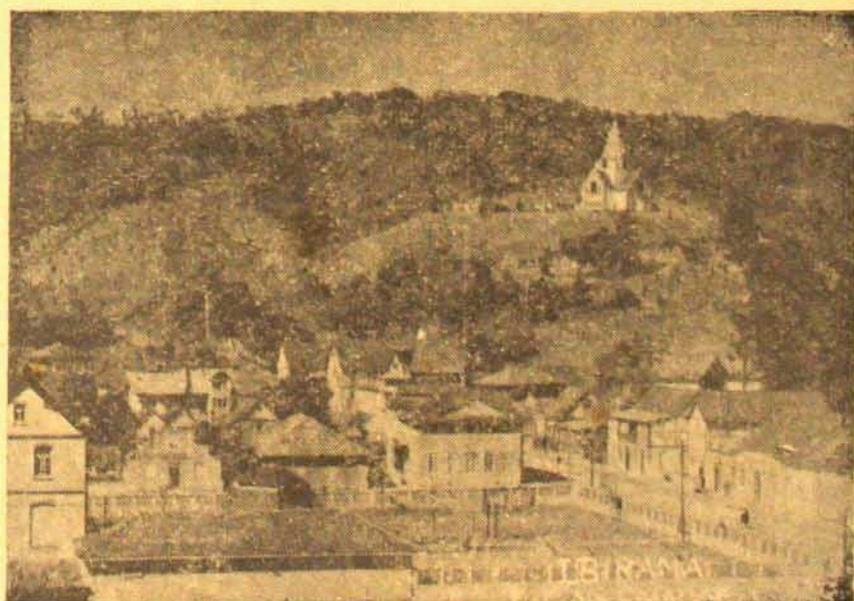
O progressista
município
catarinense



Vista parcial de Ibirama, vendo-se em 2º plano, o grande hospital

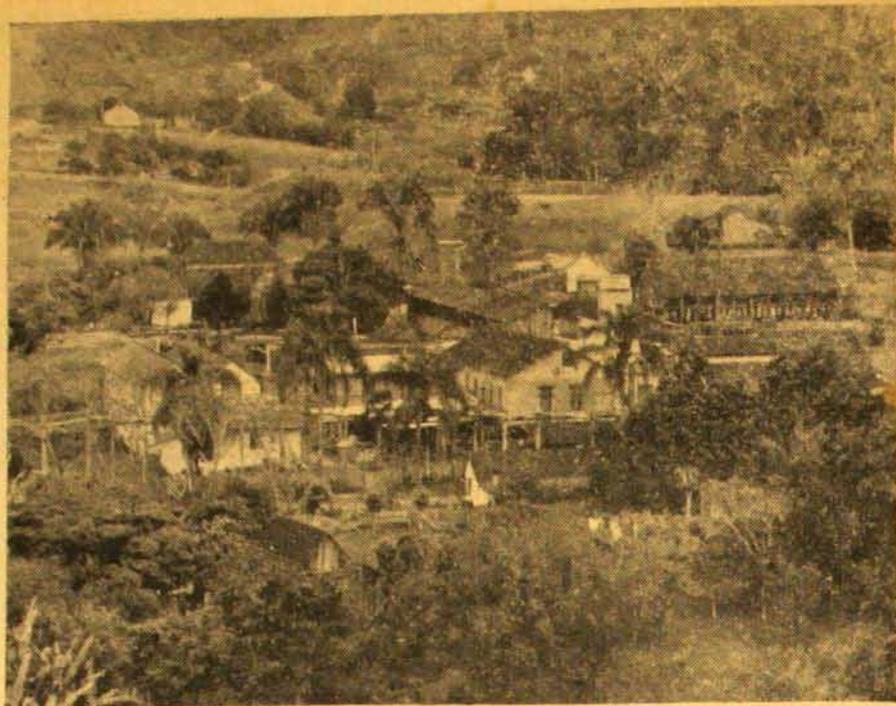


Edifício dos escritórios da Sociedade Colonizadora Hanseática Ltda.,
que há 50 anos iniciou ali a colonização com alemães

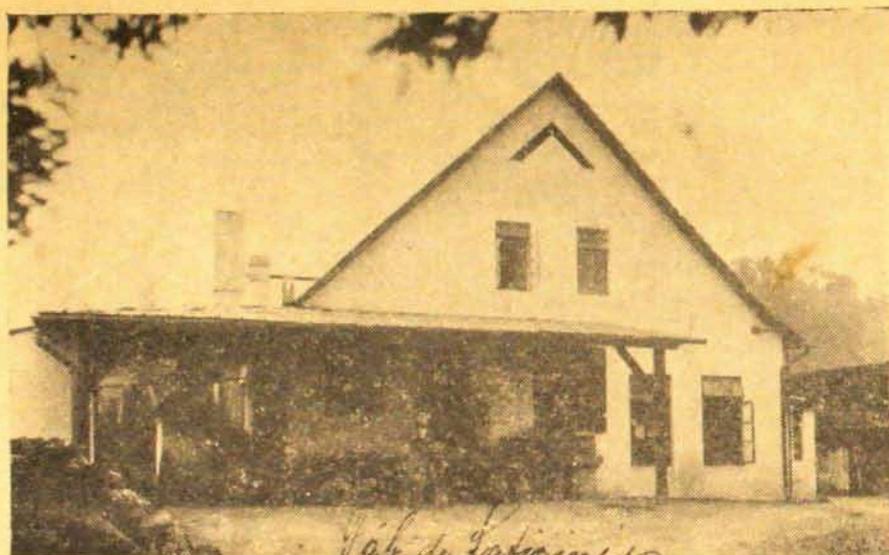


Vista parcial de Ibirama

Ibirama



Vista parcial de Ibirama



Fábrica de Laticínios



Richinager Serraria e Fábrica de caixinhas de charutos e Perfumarias

do, falou três ou cinco minutos seguidos. E falava animadamente quando, de súbito não teve fôlego para pronunciar as palavras. Ergueu-se num esforço, mas tombou no sofá, aniquilado. Era a crise e agora violenta, tremenda, alarmadora, a maior das crises de sua longa enfermidade.

A casa agitou-se. Dona Marianinha surgiu lá dentro, a correr, com uma ventarola de papelão.

Abriam-se as janelas. Quem tinha um jornal, um chapéu, um léque, vinha para perto do doente, adanar.

O acesso recrudescia. Trouxeram-se os xaropes, os sedativos costumeiros. Nenhum alívio.

— Eu sabia, eu sabia que havia de dar nisto! repetia Dona Marianinha, agitando a ventarola.

Cinco minutos. Dez minutos. Vinte minutos.

A fisionomia do velho soldado tomou um tom de morte.

E acesso arrazador sôbre acesso arrazador.

Chegou o médico. Os remédios eram aqueles mesmos paliativos que estavam sendo aplicados.

Esvasiou-se o quarto para que o ar circulasse mais livremente. Benjamim, desolado, passeiava silenciosamente. De quando em quando aproximava-se do doente e refrescava-lhe o rosto com o movimento acelerado de um jornal.

Em derredor, as fisionomias iam se carregando.

A insistência dos acessos davam aqueles esqüritos a noção do desastre.

Levaram o doente para a cama. Durante cinco minutos pareceu que tudo ia serenar, mas, de novo, a respiração se tolheu torturadamente. Ansia maior, suplício maior.

A casa alarmou-se. Daí por diante não houve quem não tivesse a impressão de que o enfermo não amanheceria.

Benjamim, de alma macerada, ia e vinha, em silencio, pelo quarto. Em certo momento parou fitando Deodoro. Era impossível que aquela criatura, naquele estado, evidentemente à porta da morte pudesse, algumas horas depois, montar a cavalo para dirigir um movimento revolucionário. Alí só um milagre e milagres não existiam. E foi apanhar o chapéu. E, entrando na sala, ao lado, onde os oficiais republicanos conversavam tristemente em voz baixa, disse com uma serenidade pungida:

— Como os senhores estão vendo não é possível fazer nada hoje. Não há remedio senão deixar para outro dia.

E com grande esforço, não querendo que transparecesse a emoção da voz:

— Mandem ordens em contrário aos nossos camaradas, nos quartéis.

E desceu a escada dolorosamente.

Começava a madrugada de 15 de Novembro. O chefe militar, capaz de levar a vitória o movimento republicano estava alí aniquilado numa cama.

Formidável organização a de Deodoro! Ao clarear o dia, o moribundo de hora antes, montava a cavalo para dirigir as tropas que proclamaram a República.

O 15 de Novembro esteve por um fio. Por um triz.



COMERCIO E INDUSTRIA

GERMANO STEIN S. A.

JOINVILLE
SANTA CATARINA

IMPORTAÇÃO — EXPORTAÇÃO — INDUSTRIAS

SÊCOS e MOLHADOS por atacado, FERRAGENS, LOUÇAS, VIDROS, etc.
em grande Escala

MOTORES E MAQUINAS EM GERAL
ENGENHO DE ARROZ — TORREFAÇÃO DE CAFÉ

MOINHOS DE TRIGO E DE CEREAIS
FÁBRICA DE MASSAS ALIMENTÍCIAS,
BALAS E CARAMELOS
CONSERVAS DE PALMITO, CAMARÃO, LEGUMES, FRUTAS E DOCES
DISTRIBUIDORES GERAIS DA "THE CALORIC COMPANY"
INDÚSTRIAS DE PNEUMÁTICOS FIRES-TONE S. A.
REFINAÇÕES DE MILHO BRASIL S. A.

CAIXA POSTAL, 52 — END. TELEGR.: "STEIN" —
Rua Cruzeiro, 35

FILIAIS: — Joinville, Av. Getúlio Vargas. — São Francisco do Sul, Mafra, Canoinhas, Porto União e Blumenau.

COMPANHIA FLORESTAL BRASILEIRA

Indústria e Comércio de Madeiras

Matriz:

FLORIANÓPOLIS, S. C., Rua 14 de Julho
(Estreito)
Caixa Postal nº 225 — Telefone nº 1520
Telegramas: FLORESTAL

Filiais:

JOINVILLE, S. C., Rua Jacob Richlin (Edifício Colon)
Caixa Postal nº 155 — Telefone nº 51
Telegramas: FLORESTAL

S. PAULO, S. P., Rua B. Vista, 65, 4º, sala 4
Caixa Postal 4569 — Telefones 2-1633 — 2-5024
Telegramas: FLORESBRA

Agências:

ITAJAI, S. C., Rua Blumenau, nº 456
Telegramas: FLORESTAL

BOM RETIRO, S. C. — Telegramas:
FLORESTAL

SERRARIAS:

São Judas Tadeu — Espírito Santo — São José

Quem faz questão de declarar que não anuncia, revela publicamente o receio de chamar a atenção sôbre os produtos que vende, sinal evidente de que estes não são de muita confiança.

Noticias Bibliográficas

Sob os auspícios da Livraria Rosa, Rua Deodoro, 33

por J. T. ROSA JÚNIOR

* «Dama dos Cravos» e «Anjos de Ternura» são os dois últimos romances de Archibald Joseph Cronin, o autor dos renomados romances «Cidadela» e «Chaves do Reino».

«Dama dos Cravos» é uma história fascinante de mistério e amor, excelentemente traduzido por Osório Borba.

«Anos de Ternura», foi traduzido por Rachel de Queiroz. A «Metro» extraiu desse romance um filme que vem obtendo os mais fortes aplausos. Aliás, na opinião conjunta da estrela Greer Garson e do jornalista Lonella Parson, constitui «um filme maravilhoso».

** «Grande Hotel», a revista moderna dedicada ao mundo feminino, lançada pela Editora Vecchi continua fazendo sucesso.

A Livraria Rosa, autorizada pela Editora, continua oferecendo grátis um número especial de propaganda aos que o solicitarem.

* «Barrabás» e «Escravos do desejo», são as duas últimas edições da Editora Universitária.

Em «Barrabás», Emery Beckesey, nos apresenta um encantador romance de amor cujos cenários e enredos são apresentados e tramados na Palestina nos dias pungentes da crucificação do Nazareno.

Quem era Barrabás, que a multidão preferiu fosse solto, em lugar do Cristo? O autor traçou, com muita imaginação, a figura do «gigantesco e terrível Barrabás, fazendo-a surgir simpática, embora apresente-o como libertador de Israel pelo método da violência, em oposição a Cristo, que o quiz pelo regime do amor.

— Paulo J. Wellmann, em «Escravos do desejo» narra a vida de duas criaturas em luta sem quartel, pela conquista do poder e do amor.

«Escravos do desejo» é um dos mais empolgantes romances da literatura americana, cujas 432 páginas se leem com grande emoção.

** «Eurídice», o décimo primeiro romance de José Lins do Rego, vai em marcha ascensional. Já se encontra em 2a. edição e tudo faz prever que esta será rapidamente exgotada.

Em o periódico «A Vida dos Livros», referente a setembro-dezembro de 1947, a Livraria José Olímpio divulga dados biográficos desse ilustre escritor paraibano.

Aos que o solicitarem, a Livraria Rosa — rua Deodoro, 33 — Florianópolis, enviará, gratuitamente, a dita publicação.

* Conforme estava anunciado, surgiu «A Igreja dos Fieis», de autoria do dr. Laércio Caldeira de Andrada.

O autor, professor e jornalista, e homem de fé, não se furta ao dever de esplanar vários assuntos, fazendo deles ressaltar a moral teológica ou a verdade histórica.

Em «A Igreja dos Fieis», o autor estuda fatos inéditos; alguns, propositadamente adulterados; outros, pouco conhecidos e referentes à figura de Nicolau Durand Villegaignon e à ação do primeiro posto missionário da Reforma em terras da América.

O livro que tem excelente apresentação grá-

fica, e muitas ilustrações, é vasado em linguagem cativante e singela, concisa, escorreita.

Lê-lo, importa, além do mais, em usufruir um grande prazer espiritual.

** «Grandes Esperanças» é uma novela escrita por aquele que Carlyle chamou de «o bom, o suave, o talentoso, o sempre amigo, o nobre Dickens».

Charles Dickens ocupa um lugar de relevo nas letras da Inglaterra, pela variedade de obras que escreveu.

«Grandes Esperanças», tradução de Alceu Masson é uma edição da Livraria do Globo, na série «Biblioteca dos Séculos».

** Os esportistas, dos vários ramos, podem contar com uma série de bons livros, lançados pela Editora Brasil.

Citaremos alguns:

— «Basket-ball» (Bola ao Cesto), por Moacyr Dainto, professor de Educação Física, de São Paulo.

— «Pugilismo», por Ernani Nogueira, contendo as regras de Box, preparo dos pugilistas, principais golpes e demonstrações ilustradas de uma luta de box.

— «Atletismo», por Rosalvo Florentino. Contém o regulamento, a técnica e considerações gerais sobre corridas.

— «Jiu-Jitsu», por João Zaqui — Principais Regras e Golpes. Defesa contra estrangulamento, arma branca, arma de fogo, etc. (ilustrações).

Distribuidores no Estado de Santa Catarina dos Produtos de Ferro e Aço da Cia. Siderúrgica Nacional (Volta Redonda).

— Equipamentos completos para construção de estrada de rodagem.

— Motores à óleo cru, gasolina e querosene.

— Material de rádio-recepção.

— Material de garage: Macacos, Ferramentas, Carregador de Baterias.

— Máquina para soldar-Eletrodos. Máquina para gravar.

— Grupos Eletrogeneos, para fornecer luz para sítios.

— Talhas elétricas. Guinchos.

— Máquinas para olarias.

— Porcelana técnica.

— Produtos veterinários.

— Arados, cultivadores, grades de discos e de dentes. Pás, enxadas.

— Inseticidas. Carrapatecidas.

— Cimento. Arame farpado.

— Válvulas Iguassú.

— Folha de fibra de madeira comprimida.

— Móveis Rio Negrinho.

— Cereais.

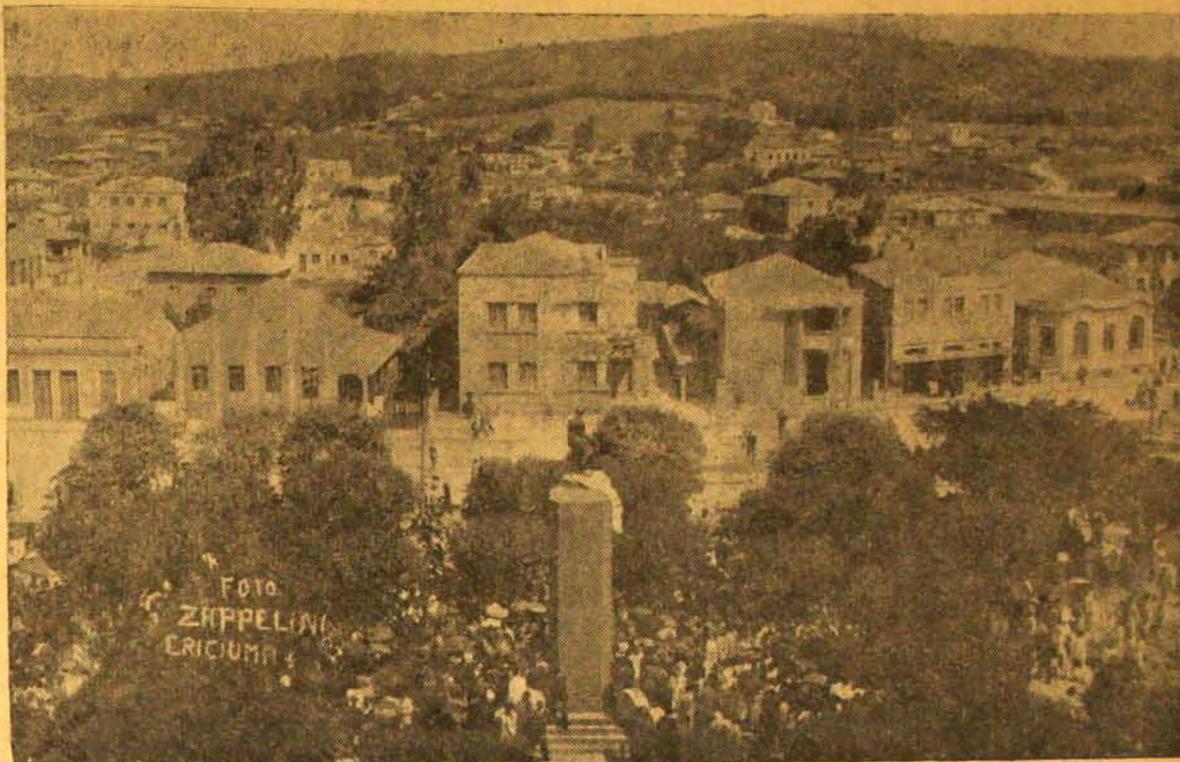
OSNY GAMA & CIA.

Representações — Conta Própria — Importação — Exportação

Rua Conselheiro Mafra, 84 — C. Postal, 239
Telefone 1.607

FLORIANÓPOLIS

Aspectos Catarinenses



Rua central de Crescuma

A CLIPER

Rua Trajano, 4

Confecções finas

Tecidos em geral

Grande sortimento

de

Tapetes e Congoleuns

CIA. WETZEL INDUSTRIAL

Joinvile

FABRICA DE :

Vélas de Stearina

das afamadas marcas
JOINVILENSE - ECONÓMICA
LINDA - N.º 6 - PARA CARRO

Velinhas para Natal
em 6 lindas côres

Sabão

«VIRGEM ESPECIALIDADE»
em 3 tipos - 1/1 - 1/2 - 1/3

Glicerina

«LOURA FINA» e «BRANCA»

Massa para rolos
para tipografias.

BANCO INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE SANTA CATARINA S. A.

ITAJAÍ — SANTA CATARINA
BALANÇETE DE 30 DE NOVEMBRO DE 1947
(Compreendendo matriz e agências)

A T I V O

A — DISPONÍVEL

CAIXA

Em moeda corrente 19.256.797,60
Em depósito no Banco do Brasil 10.482.023,50
Em depósito à ordem da Sup. da Moeda e do Crédito 3.523.747,40

33.262.568,50

B — REALIZÁVEL

Títulos e valores mobiliários:

Apólices e Obrigações Federais:
Em depósito no Banco do Brasil S/A., à ordem da Superintendência da Moeda e do Crédito, no valor nominal de Cr\$ 3.750.000,00

Em carteira 3.124.845,10
Apólices estaduais 559.382,20
Apólices municipais 174.534,00
Ações e debêntures 63.500,00
1.610.311,40

Letras do Tesouro Nacional

Empréstimos em c/corrente 82.174.848,30
Empréstimos hipotecários 616.197,70
Títulos descontados 184.345.700,50
Agências no país 232.451.406,50
Correspondentes no país 17.426.725,60
Outros créditos 1.300.000,00

Imóveis

Outros valores 2.489.130,10

856.803,20

530.235.394,60

C — IMOBILIZADO

Edifícios de uso do Banco 8.541.435,30
Móveis e utensílios 2.124.459,20
Material de expediente 178.356,00
Instalações 34,00

D — RESULTADOS PENDENTES

Juros e descontos 4.880.980,40
Impostos 658.552,60
Despesas gerais 4.872.387,20

E — CONTAS DE COMPENSAÇÃO

Valores em garantia 153.845.842,00
Valores em custódia 220.472.535,70
Títulos a receber de c/alheia 301.954.190,00

676.272.567,70

Cr\$ 1.260.526.725,50

P A S S I V O

F — NÃO EXIGÍVEL

Capital 15.000.000,00
Aumentos de capital 15.000.000,00
Fundo de reserva legal 1.350.000,00
Outras reservas 14.889.213,20

31.239.213,20

G — EXIGÍVEL

à vista e a curto prazo

DEPÓSITOS
de Poderes Públicos 1.561.480,70
de Autarquias 17.005.101,00
em C/C. Sem Limite 99.868.500,40
em C/C. Limitadas 3.194.141,00
em C/C. Populares 35.998.121,30
em C/C. Sem Juros 9.488.729,80
em C/C. de Aviso 6.510.487,40

143.626.561,60

a prazo

de Poderes Públicos 70,00
de Autarquias 500.000,00
a prazo fixo 59.885.147,70
de aviso prévio 39.495.356,06

99.880.573,70

OUTRAS RESPONSABILIDADES

Títulos redescontados 243.507.135,30
Agências no país 263.102.173,20
Correspondentes no país 24.487.756,40
Ordens de pagamento e outros créditos 6.935.832,40
Dividendos a pagar 70.655,70

538.103.558,00

H — RESULTADOS PENDENTES

Contas de resultados 14.911.391,60

I — CONTAS DE COMPENSAÇÃO

Depositantes de val. em gar. e em custódia 374.318.377,70
Depositantes de títulos em cobrança do País 301.866.373,10
do Exterior 87.816,90

301.954.190,00

676.272.567,70

Cr\$ 1.260.526.725,50

GENÉSIO MIRANDA LINS
Diretor-Superintendente
DR. RODOLFO RENAUX BAUER
Diretor-gerente
DR. MARIO MIRANDA LINS
HERCILIO DEEKE
Diretores-Adjuntos

Itajaí, 13 de dezembro de 1947.

BONIFACIO SCHMITT
OTTO RENAUX
IRINEU BORNHAUSEN
ANTONIO RAMOS
Diretores

ERICO SCHEFFER
chefe da Contabilidade Geral
Dipl. Reg. na DEC n. 22.638
SERAFIM FRANKLIN PEREIRA
sub-chefe da Contabilidade Geral
Dipl. Reg. na DEC n. 17.391

(161#)

Linhos Para Ternos de Cavalheiros

da fabrica diretamente ao consumidor, vende-se pelo
Serviço de Reembolso Postal

Acêita-se agentes em todas as cidades

FABRICA DE TECIDOS DE LINHO

ITAJAÍ - Santa Catarina - Caixa postal 2

A última festa

MARILÚ

Ao poeta Avila Pôrto

Tá hoje fazendo um ano,
Qu'eu tive a maió das tristeza,
O maió dos desengano ...

Era noite como ésta,
E também noite de festa ...

O céu tava sarpicado
De estrela e de balão;
Tava sendo festejado
O querido São João ...
Das cabôcra mais bonita,
A mais bonita éra a Rita,
A filha do Capitão.

As vióla repicava,
E os cabra e as moçarada,
Batia c'os pé no chão.
E os foguete e os balão,
Era alegria prôs óio
E festa prô coração ...

Tocaram uma chamarrita;
Fol a minha perdição ! ...

Sartei prô lado da Rita,
A filha do Capitão,
E cas fala mais bonita
Qu'eu tinha no coração,
Pra dizê, e que guardava
Pra noite de São João;
Eu falei nos ouvido déla,
De amô e de paixão ...

Ela entonce assuspirou.
Me oiou cos óio afrito,
E baixinho me falou :
— «Dê o dito por não dito.
Daqui ha poucos momento,
Já vai sê anunciado
O meu breve casamento,
Cum primo do Lageado,
Moço novo e arranjado ...»

Fiquei pégado no chão,
E nem pude mais falá ! ...

A festa continuava ...

E as cabocra ligeira,
Cantando e dando risada,
Sartava dos quatro lado,

Fazendo cruz na foguêra,
No meio das gritaçada,
E dos viva a São João !

E vendo toda éssa gente,
Que ria alegre, e dançava,
Eu queria inte fingi
Que também tava contente ...
Mas quá ... não dava ...
Quanto mais queria ri,
Tanto mais eu saluçava ...

A festança tava grossa !
E os cabra, só por troça,
Mi xingando perguntava
Purqui é qu'eu não se ria,
Purqui é qu'eu não cantava ...

* * *

Agarrando na viola,
Eu saf estrada afóra ...

E lá longe, no caminho,
Assismemado, sozinho,
A' beira dum riachão,
Eu cantei as dô, as mágua,
Que tinha no coração ...

Os galo já cacorava,
E os sino lá da Capela,
Como uns louco, achocaiava;
E eu chorava por ela,
Mas chorando, inda cantava ...

Co os óio embaciado,
VÍ no céu uma candêia;
Era a Lua, enorme, cheia,
Com a boca escancarada
Que se ria ás gargaiada,
E de mim chacoteava ...

Agarrei, nesse momento,
Eu fiz um premetimento,
Calado, de coração :
— Que com ano eu fôsse vivo,
Pra não tê recordação,

Tava acabada pra mim,
As fésta de São João.

PETROLINA MINANCORA

CONTRA CASPA,
QUEDA DOS CA-
BELOS E DEMAIS
AFECCÕES DO
COURO CABELUDO.
TÔNICO CAPILAR
POR EXCELENCIA

Livros Novos



Jeanne Bêqus, a futura Madame Du Barry, era uma plebéia sem instrução nem educação. Muito jovem, vendia bagatelas pelas ruas.

Essa garôta passou por cem aventuras e exerceu regularmente a profissão de cortesã, de cortesão de luxo — escreve J. H. Rosny «ainé» — quando se tornou amante de Jean Du Barry, fidalgo gascão que, coisa singular, entendeu de fazer dela a favorita confessa do rei Luís XV da França.

O rei, que só tinha caprichos passageiros e estava definitivamente embotado, roído por um tédio tão digno de lástima como o tédio de Luís XIII, o rei experimentou imprevisivelmente despertar à vista daquela deslumbrante criatura, cheia de graça, leve, flexível e de uma alegria que se comunicava ao próximo.

Para fazer dela a favorita oficial, foi preciso encontrar um marido nobre e complacente, o conde Guilherme Du Barry, irmão de Iusu, e falsificar-lhe a certidão de nascimento para que ela assim passasse a ter ascendência fidalga. Contando com o beneplácito do monarca, fazer tais cousas era pura bagatela... Em suma, lavada e enxaguada, a

linda cortesã de vinte e cinco anos tornou-se Madame Du Barry, adulada pelos nobres e poderosos, e foi a mulher mais influente do seu tempo.

Com um ar insolente e um frescor infantil, contrastando com os olhos voluptuosos, as formas finas, tão perfeitas como os mais belos modelos da estatuária, extremidades delicadas, e, em toda a sua pessoa, a vida, a espontaneidade, a elegância, o capricho, o descuido, o riso e pequenas cóleras engraçadas sucedendo-se num relâmpago; os mais admiráveis cabelos louros daquele século. Todos os homens ficavam loucos por ela, e só ela apaixonou o rei já envelhecido e apático.

O poder desta favorita durou até a morte de Luís XV. Após a morte do soberano, não mais reaparecerá ela na corte, mas permanecerá rica e adulada até o momento em que a guilhotina lhe cortar o pescoço.

A existência extraordinária da Du Barry é tão rica de lances novelescos que até parecem ficção, conquanto indiscutivelmente autênticas, e a leitura da sua biografia se torna infinitamente mais interessante e amena que a de muitos romances.

Além disso, «A DU BARRY» não é uma biografia vulgar, e sim uma celebre obra prima dos irmãos Edmond e Jules de Goncourt, que na mesma fizeram magnífica demonstração de sua perspicácia de investigadores conscienciosos e de suas excepcionais qualidades de escritores.

A versão vernácula de tão importante produção foi feita com todo o esmero pelo professor Modesto de Abreu. «A Du Barry» acaba de ser publicada, em elegante volume, enriquecido com artística sobrecapa em cores do pintor Jan Zach, e faz parte da vitoriosa coleção «Vidas Extraordinárias», da conceituada Editora Vecchi, do Rio de Janeiro.



Alfaiataria

FORNEROLLI

RUA TIRADENTES, 8

Elegância de seu corpo i

A Semente

Em «A Semente», um de seus mais célebres e discutidos romances, formula Vargas Vila, com uma originalidade e vigor, os eternos e relevantes problemas do amor e da descendência humana.

Sabemos que raro é o ser que renuncia ao amor; esse inefável sentimento continua dominando despoticamente os corações, com tanta veemência e intensidade como nos albores humanos. Mas, em troca, descendência nem todos os seres humanos têm. Ha muitas uniões estéreis, em uns países mais que noutros; numerosos lares onde não ressoam alegres risadas infantis; jardins pariculares onde a risonha, a trêfega infância não brinca..

«A Semente» contém nas suas páginas vibrantes, ricas de conceitos, de observações sagazes, de amor e de dor, uma chama que Vargas Vila tomou da própria realidade, analisando conscienciosamente seus protagonistas, reproduzindo de modo admirável Roma, a magnífica, e a Paris libertina e boêmia onde transcorre a ação.

«A Semente» foi primorosamente traduzida por Liberó Rangel de Andrade e publicada pela Editora Prometeu, de São Paulo, em sua excelente «Coleção Eros».

Bazar de Módas

de
Plácido Mafra
Rua Felipe Schmidt, 34 - Fone 755
Teleg.: MAFRA
FLORIANOPOLIS

Confeções e alta costura administrada por competente profissional.

Apresenta sempre as ultimas novidades em cortes de sedas e lãs nacionais e estrangeiras, bolsas, luvas, etc.

Trajes sob medida

Guaspari

Dr. Remigio

Molestias Internas em Geral — Doenças das Senhoras e Crianças

CONSULTÓRIO:

Rua Felipe Schmidt
Edif. Amélia Neto — Fone: 1592
Consultas: 9 às 11 — 14 às 16 horas

RESIDÊNCIA:

Lgo. Benjamin Constant, 6
Fone: 1392

FRAQUEZA
ANEMIA
ABATIMENTO
MAGREZA
CONVALESCENÇA
FALTA de APETITE



O
TÔNICO
IDEAL

Perfís

(De funcionários do INCO, desta Capital)

Sebastião Vieira

Ortopédicos defeitos

São às vezes bom sinal...
Cá pra nós (sem desacato)
A tróça aqui não faz mal,
Rapaz bom ele é de fato...

Seja aqui ou na Palhoça

Tem ele boa acolhida
E com o tal ninguém «engrôssa»
Isto é cousa bem sabida...
Nunca deixa a sua chóça,
Mesmo quer chôva, quer vente,
Ele do Inco não esquece,
Tarde ou cêndo se apresente,
Zangado ou não... comparéce...

* * *

Carteira de T D, eis o seu «ninho»

Integrado, faz disto o seu esporte...
Relembra de Sargento o bom tempinho...
Ontem gozado no longinquo Nórte!

Manipulando-as já com mãos seguras

O nosso amigo ama as ferramentas
Usando-as logo após o seu horário:
Refaz quadrinhos, recórta molduras,
Assim finjindo que ele é... operario.

Sendo a velhice cadúca

E não tendo mais... miôlo
Bem no alto da combúca...
A mim me resta um consôlo,
Seja isso, enfim, tolice:
Todo maluco é feliz,
Inda mesmo em desventura,
A sôrte nunca maldiz
Ou si maldiz é... loucura...

Vive sem querer mais nada,

Impertinando a valer,
E quem sabe da maçada
Inda goza da doidice,
Rindo, assim, da arlequinada
A que se expõe a velhice...

Coléga! P'ra isto atenta:

Lindo... gordo e... satisfeito
Assim baixo... largo peito...
Um rapaz já se apresenta
Dando a todos sua graça
Isto dito e... alegre vai
O moço que a pena traça...

Vive bem, gozando a vida...

Inda novinha, crescendo,
Esta pessoa é querida,
Inteligente, mantendo,
Retidão e disto além
A todos tratando bem!...

* * *

Hoje aqui está, mui ditoso,

Unido aos catarinenses,
Gemendo a lembrar saudoso
Os bons «pagos» riograndenses...

Won... aqui a iniciar

O seu nome, não indica
Nobreza ou cousa que o valha...
Digo assim e ele não fica
Ruím e nem se atrapalha;
A sua dor invencível,
Confessou-me muito triste
E' saber que... (cousa incrível)
K... p'ra nós já não existe!...

* * *

Veiu ha pouco lá do Sul

Aqui jaz... sim, cá no «luco»
Luta, estuda e... é tudo azul,
Diz ele e luta com afinco...
Em sendo moço, afinal,
Moço e ainda rapaz forte,
A vida não córre mal,
Rumando sempre a bom Nórte!

Pelas cousas cá do Banco

Afeito e com muito brio
Cáva e súa (mesmo ao frio)
Humorado e sempre franco.
Eis, pois, sem faltar um til,
Com boas tintas o homem
Olhado aqui de perfil...

Fundição Rhein de Rudolfo Rhein

Fundada em 1913

FLORIANÓPOLIS — ESTREITO — Rua Cel. Pedro Demoro, 1170

Telefone 19

**Recomenda-se para fundição de peças
e construção de máquinas**

«A Petisqueira»

O ponto de Apiritivos N° 1
de Florianópolis

Bebidas nacionais e estrangeiras

Petiscos em geral

Rua João Pinto, 19
Fone 1428



Z. S. BATTISTOTTI

R. Felipe Schmidt, 34
Caixa Postal, 173
Fone - 1549

End. Telegr. BATTISTOTTI
Florianópolis - S. Catarina
BRASIL

Escritório Imobiliário A. L. Alves

Rua Deodoro n° 35
-: Florianópolis :-

Encarrega-se de: compra, venda, hipoteca, legalização, avaliação e administração de imóveis.

Organiza, também, papeis para compra de propriedades pelos Institutos de Previdência e Montepio Estadual.

O Tesouro do Rei Priamo

A existencia de tesouros escondidos sempre esquentou a imaginação da humanidade que não se cansa de lançar-se a exploração de sitios onde a lenda sugere que estejam eles ocultos. Desde os tesouros dos piratas, até os dos reis da antiguidade têm sido alvos da cubiça do homem, quer do vulgar, quer do cientista, que arrisca a vida, a liberdade, os haveres para a sua descoberta. Haja visto o caso do farmaceutico de Guaringuetá, que vendeu a botica para custear uma expedição á ilha da Trindade, á cata de um tesouro que ali estaria oculto pelos piratas que infestavam o Atlantico.

Mas, a sorte tem, de quando em vez, seus caprichos e, como tal, permite exitos a quem nem sequer sonha com eles. Foi o que sucedeu ao explorador e arqueologo austriaco Schliemann, o qual auxiliado por sua esposa, Sofia Schliemann, procedia a excavações com fins arqueologistas no extremo noroeste da Asia Menor, afim de estudar as ruinas de uma cidade de nome Troade, que fora descoberta meses antes por outra expedição científica. Esta identificara a sede da Capital famosa e tambem um vilonio turco, Hissarlick, situado a uns 5 quilometros do mar, proximo dos Dardanelos e do moderno Ieni Kiol, ao norte da baia de Besika. As excavações começaram em outubro de 1871 na região de Troia. Um ano depois, Schliemann encontrou uma grande vasilha de cobre de formato antigo, cujo conteudo despedia um resplendor de chamas através do barro e do pó que o cobria. Emocionado, mas senhor de seus nervos, Schliemann verificou que havia encontrado o receptaculo do tesouro de Troia. Era ouro! Voltando-se para sua esposa, que se achava a seu lado, disse-lhe:

—Licencia todos os trabalhadores, por hoje, Sofia. Diga-lhe que me esqueci de que faço anos hoje e, por isso, os licencio para que eles festejem a data. Eu pagarei as bebidas. E, baixo, para que os mesmos não ouvissem:

—Assim, com a alegria da folga eles nada perguntarão. E assim foi feito, partindo, todos no meio de maior satisfação, para suas casas.

E quando se viram sós, Sch-

liemann e esposa, ele colocou os preciosos objetos achados no chale de sua consorte e carregando o tesouro apressou-se em recolher-se á sua barraca.

E explicando á Sofia a importancia do achado, disse-lhe que, provavelmente, naqueles ultimos e terriveis dias de Troia, algum membro da familia de Priamo colocara, apressadamente o ouro na vasilha de cobre e, correrá a enterra-lo.

A vasilha continha dois diademas de ouro, vinte e quatro colares, doze mil aneis, quatro mil medalhões, prendedores, aros, inumeros adornos entre os quais uma grande taça de ouro macisso, um copo real e varios objetos outros.

A descoberta de Schliemann causou, na época, verdadeira sensação e não menores controversias entre arqueologos, todos eles querendo fazer prevalecer o seu ponto de vista. Mais tarde, porem, com outros achados, chegou-se á conclusão de que esses antigos adornos não poderiam ter pertencido a Helena, cujo amor por Paris desencadeou a terrivel guerra entre gregos e troianos. Excavações posteriores demonstraram que nada menos de nove cidades jaziam superpostas na Tróade. Schliemann identificou a terceira cidade como Troia, cantada por Homero. Mas os arqueologos que o sucederam nas pesquisas estão certos de que a sexta cidade devia ser a Iloin, da qual o rei Priamo fizera sede de sua corte.

Assim Schliemann por obra do acaso achou um tesouro de cuja existencia jamais sonhara, ao passo que outros, menos afortunados sonham, mas não conseguem transformar seus sonhos em realidade.

CLINICA MÉDICO-CIRURGICA

- do -

Dr. Saulo Ramos

Ex-assistente do Prof. Brandão
Filho - Rio.

Consultório e residencia :

PR. PEREIRA E OLIVEIRA N. 10

Auto-cultura

Pelo Dr. CASTULIO DO AMARAL, Engenheiro

Muitas vezes ouvimos comentários de pessoas idosas, sobre os costumes, hábitos e a vida de hoje, comparando-se com os «daquele tempo».

Ah! naquele tempo não era assim... é uma expressão muito fácil de se ouvir.

Se olharmos, porém, para aqueles tempos com um espírito sereno de julgadores, iremos de fato encontrar hábitos e costumes impossíveis de serem trazidos para o dia de hoje.

Naquele tempo não se via nas casas nem água encanada, instalações sanitárias, nem quarto de banho; hoje estas comodidades estão completamente vulgarizadas, não se podendo compreender como antigamente podiam passar sem isso tudo.

Até bem pouco tempo um frigorífico era olhado como objeto de luxo, sendo preciso todos os dias comprar o «gelo». O novo refrigerador fez desaparecer completamente o frigorífico e o geleiro.

Os milagres realizados no terreno da economia domestica pela corrente elétrica são verdadeiramente notáveis. Sem falar no fogão elétrico, nos aquecedores de água e nos ventiladores elétricos, ainda considerados objetos de luxo em virtude do alto preço da corrente elétrica entre nós, vemos apesar disso um grande amigo das lavadeiras, no ferro de passar elétrico.

Ainda é recente o desenvolvimento do Radio, havendo um grande progresso entre o modelo de um aparelho do ano de 1929 e outro atual.



... trabalhar é um prazer

No terreno dos transportes, a transformação tem sido extraordinária, não só com novos meios cada vez mais rápidos e seguros, os aviões, como também nos veículos, trens, autos, onibus, etc.

Desta forma a vida tende cada vez mais, em se tornar fácil de ser vivida, com um aumento de comodidade e conforto, sendo as dificuldades mais fáceis de serem afastadas, por haver maiores recursos para isso.

Em todos os ramos de atividade se costata uma grande transformação procurando-se cada vez mais resolver as dificuldades existentes, quando não são creadas novas facilidades, ao que se chama «progresso».

A agricultura, a mais antiga e a mais pacifica de todas as atividades do homem, também, é favorecida pelo progresso.

Todos os dias e em todas as partes, estamos vendo o eterno ciclo do agricultor, chamado também «colono».

Em geral compra sua colonia

para pagar em prestações, o que faz em alguns anos, após os mais duros e rudes trabalhos, como um verdadeiro touro, vendo sempre em sua leal companheira de vida, e em seus pequenos filhos o grande incentivo para isso.

Sua maior preocupação é o pagamento de sua colonia, sendo um dia de festa em sua casa, decretado portanto feriado, quando consegue este objetivo.

Uma vez paga a colonia, suas atividades já são orientadas em aumentar sua colheita, o que poderá fazer em quantidade ou em qualidade.

Em quantidade poderá ser comprando mais terra e plantando mais.

Em qualidade poderá ser com o cultivo mais cuidadoso da terra, o que lhe dará mais quantidade de sacos colhidos, por unidade de superficie.

Como era diferente a agricultura «daquele tempo»!

Naquele tempo, a agricultura

Companhia Siderurgica BELGO MINEIRA

Usinas em Sabará e Monlevade = Estado de Minas Gerais

Produção anual: 125.000 toneladas de aço

Escritório Central: AV. NILO PEÇANHA 26 — 5º andar — RIO DE JANEIRO

nada tinha de certo a não ser o clima. Era preciso plantar primeiro para ver se «dava». A experiência muitas vezes era cara.

Hoje, com os meios disponíveis, até os climas são fabricados, não só em pequenas estufas, como para grandes plantações onde o papel tem lugar saliente.

A máquina auxilia cada vez mais ao agricultor. O pequeno colono que foi comprando cada vez mais terra, termina não tendo tempo, nem empregados, para cultivar toda sua propriedade.

Corre então em procura da máquina, trazendo desde o arado mecanizado, até o transportador de sacos. Até bem pouco tempo só era possível a mecanização da grande lavoura, onde a grande superfície a ser trabalhada compensava e exigia o emprego da máquina. E' o caso da mecanização das lavouras de trigo, arroz, etc., ou de beneficiamento das lavouras de café, cacão, etc. sem citar a fruticultura.

Hoje, porém, a máquina também ajuda o pequeno colono que ainda não pagou sua colônia, auxiliando indiretamente, fazendo com que esse pagamento seja mais rápido; pelo cultivo mais intensivo da colônia e vai em sua casa levar comodidade para sua companheira de vida.

Um pequeno motor, pôde durante o dia se transformar em um pequeno arado que ajuda o colono a trabalhar melhor sua terra e em menos tempo, sendo a noite um auxiliar precioso para sua companheira de vida em todos os trabalhos domésticos, podendo também ser aproveitado em outros fins uteis.

Em época de colheita esse mesmo motor faz o trabalho de muitos homens, cortando, debulhando ou ceifando, podendo até

Nas

FERIDAS.

ECZEMAS.

ESPINHAS.

FRIEIRAS.

IMPINGENS

Nas

SUORES FETIDOS dos

PES e das AKILAS?

POMADA

BRÜGGEMANN

CURA RÁPIDA E GARANTIDA!

trabalhar aos domingos.

Em terrenos acidentados, onde os animais dificilmente iriam, este pequeno motor vai logo, trabalhando normalmente.

Para aqueles que desejarem, este motor também pôde trabalhar durante toda a noite, iluminando a casa toda, isto naturalmente quando o padre vier batizar o primeiro herdeiro.

Assim é que até na agricultura o progresso tem sido grande, e «naquele tempo» só tem uma explicação: a idade da pessoa que recorda uma época, da qual tem muitas recordações, pois ainda não se descobriu a mocidade eterna.

Bernard Shaw

Bernard Shaw recebeu, ha tempos, uma carta em que um artista de «music-hall» propunha ao celebre escritor representar junto com o missivista, um «sketch», num dos teatros de Londres.

A resposta foi a seguinte:

— «Agradeço muitissimo sua proposta. Ha cinquenta anos que sou conhecido como autor; é V. porém, o primeiro ator de «music-hall» que se mostrou bastante inteligente para reconhecer que me desempenho bastante bem no monologo e que sei replicar convenientemente e, em consequencia, me oferece um emprego. Sou, porem, demasiado velho. Por outro lado, não estou, de nenhum modo, seguro de que meu nome lhe seria util. De muitos pontos de vista seria completamente o contrário. Para os diretores de teatro estou na lista negra dos intelectuais. Não obstante, refletirei sobre a sua proposta, embora não possa prometer-lhe uma entrevista. A idéia me diverte bastante, porém é pouco provavel que alguma coisa resulte dela».

Dr.
A. DAMASCENO DA SILVA
ADVOGADO
Ações cíveis e comerciais
Esc.—Rua João Pinto, 5—Térreo
(Anexo ao jornal «O Estado»)
Florianópolis—Santa Catarina

Dr. Ivo Mosimann
Cirurgião·Dentista

Praça 15 de Novembro, N° 12

Florianópolis

Mil comerciários de Santa Catarina frequentarão os cursos do SENAC

Concessão de Bolsas para os Estudantes - Declarações do Professor Flavio Ferrari, Delegado Regional naquele Estado

Frequentando o Curso de Orientação Profissional, que o SENAC Nacional ora faz funcionar e destinado aos técnicos dos Estados, encontra-se nesta Capital o prof. Flavio Ferrari, delegado, daquele organismo em Santa Catarina. Falando á reportagem, sobre os trabalhos da Delegacia Regional do SENAC em seu Estado, o prof. Flavio Ferrari esclareceu que foi ela instalada, na cidade de Florianópolis, em 24 de julho de 1947, iniciando, desde logo, varios cursos de especialização tais como os de balconista, na cidade de Brusque, e de prático de escritório na capital e em Laguna, além de outros fundamentais em Joinville e Blumenau.

CONCESSÃO DE BOLSAS

Continuando, acrescentou o entrevistado: — Contamos com trezentos e trinta e um alunos matriculados em nossos cursos, assim distribuidos: setenta e três em Florianópolis; quarenta e cinco em Brusque, oitenta e três em Laguna. Em 1948 é nosso pensamento elevar o numero de matrículas, com a instalação de novos cursos em outras cidades. Pelos cálculos efetuados, mais de mil comerciários passarão a frequentar nossas escolas. Em fevereiro próximo inauguraremos cursos em Porto União, Mafra, Joaçaba, Caçador, Rio do Sul, Lages e Tubarão, além de outros intensivos em Joinville e Blumenau. A Administração Nacional do SENAC, no ano passado, concedeu bolsas de estudo no segundo semestre, a sessenta alunos. A Escola de Comércio

do Estado, estimulando nossos trabalhos, também distribuiu bolsas aos alunos do SENAC Regional, contemplando trezentos alunos, dos quais cinquenta em Joinville, cinquenta em Blumenau e cento e cinquenta em Florianópolis. Doou, ainda a Escola de Comércio, cinquenta bolsas á Faculdade de Ciências Econômicas de Santa Catarina, de que sou Diretor.

OS ANSEIOS DA CLASSE COMERCIAL

As medidas de estímulo — prosseguiu o prof. Flavio Ferrari — têm atingido o seu objetivo. Louvo a orientação que a Administração Nacional do SENAC imprime aos seus trabalhos, sendo nosso dever ressaltar a clarividência do Presidente da Confederação Nacional do Comércio, sr. Daudt d'Oliveira, homem publico idealista e cujas atitudes modelares encontram a melhor ressonância no seio da massa comerciária de meu Estado, pois que o eminente brasileiro atende aos anseios dos auxiliares do comércio em seus bons entendimentos com as entidades e as classes patronais. Os técnicos esclarecidos nos postos principais do SENAC Nacional, todos profundos conhecedores da aprendizagem comercial, constituem outras razões de êxito que se vem obtendo. Dentre êsses técnicos quero destacar os profs. Lafaiete Belfort Garcia, Gama Lima, Rothier Duarte e Alvaro Porto Moitinho, figuras expressivas do Magistério brasileiro. A todos deve o SENAC de Santa

Catarina grande parte dos sucessos que tem conseguido. Não olvidamos, por outro lado, a colaboração com que tem premiado nossos esforços o Governador de Santa Catarina, sr. Aderbal Ramos da Silva, realmente interessado no desenvolvimento educacional do Estado.

Informou-nos o prof. Flavio Ferrari que o total das bolsas concedidas aos comerciários que frequentam os cursos do SENAC em Santa Catarina ascendeu a 310 mil cruzeiros.

AS ATIVIDADES DO SESC

Em seguida, o prof. Flavio Ferrari forneceu informações sobre as atividades do SESC de Santa Catarina, cuja instalação ocorreu em 24 de novembro do ano passado.

O SESC, ali, vem prestando serviços de assistência á maternidade e á infancia. Realizou o «Natal do Comerciário», que logrou singular êxito e contou com a cooperação do Presidente da Associação Comercial de Santa Catarina, sr. Charles Edgard Moritz, e do Presidente do Sindicato dos Empregados no Comércio, sr. Gustavo Zimmer.

Concluiu o prof. Flavio Ferrari declarando que apresentou, ao Diretor Geral do SESC Nacional, um plano de ação para 1948, o qual amplia os serviços assistenciais da região, não só na parte referente aos serviços médicos e odontológicos, como na relativa á assistência social.

Do «Diario Carioca», 18-1-48

Relojoaria Diamante Azul

De OTAVIO F. DA SILVA

Rua Trajano n° 19 (antigo prédio da Cia. Souza Cruz)

Bijouteria -- Artigos finos para presentes -- Anéis -- Canetas Parker
-- Tintas -- Louças de Porcelana Mauá

POLAROID -- O moderno oculo para o sol,

Para suas compras, procure nossa Relojoaria, que atenderemos com a maior solícitude

Um pouco de HUMORISMO



Como se fabrica um "homem de letras"

Ser um homem de letras, na verdadeira acepção do termo, é a justa ambição de todos os brasileiros dotados de uma certa dose de inteligência.

Vamos dar aqui a fórmula mais fácil e mais acessível para qualquer um cidadão conseguir esse objetivo, de acordo com o que preceitua o poeta Augusto Frederico Schmidt:

Compram-se em uma papelaria qualquer, por vinte centavos, duas notas promissórias.

Em seguida adquirem-se duas estampilhas de 2 ou 5 cruzeiros (conforme a quantia que se quer) e 2 selos de educação.

Enchem-se as promissórias com as quantias que se deseja e mais o nome do agiota e a data do vencimento das mesmas. Depois, leva-se tudo isso ao amigo mais idiota que se tem, convencendo-o de que precisa do dinheiro para enterrar um parente que só espera essas quantias para sair de casa, ou para tapar a boca do senhorio a quem só deve seis meses de aluguel de casa.

Uma vez assinadas as promissórias, reconhecem-se as firmas e, uma vez tudo pronto, além do portador das letras, toma-se o dinheiro do agiota.

E aí está como se faz um homem de letras, na verdadeira acepção do termo.

O SÁBIO: — Grande tristeza é a dos cérebros daqueles que não entendem as palavras filosóficas que lhes são ditas.

O DISCÍPULO: — Mestre, o senhor se refere aos imbecis, não é verdade?

POIS É!

Duas mulheres se encontraram.
— Como está o Aiberto, D. Virgulina?

— Bem... Às vezes melhor, e às vezes pior...

Mas pelo modo como se enfiurece quando está melhor, creio que está melhor quando está pior.

NA DELEGACIA

O DELEGADO — Muito bem. Foi um ótimo serviço. Mas eu estou encabulado.

O DETETIVE — Por que?

O DELEGADO — Explique-me por favor: como foi que o senhor desconfiou que o ladrão era um homem disfarçado em mulher?

O DETETIVE — Ora, muito facilmente. Em uma das lojas daquela rua havia, à porta, um grande espelho e o nosso homem passou sem olhar para ele...

Um rancheiro do Texas matou um homem e telegrafou ao seu advogado, oferecendo-lhe cinco mil dolares para defendê-lo. A resposta veio logo por telegrama. Dizia o seguinte: «Estou de partida para sua cidade. Levo comigo três testemunhas de vista...»

A dona da pensão, dirigindo-se à cosinheira, lhe diz seriamente:

— Anastacia, parece que tenho que despedi-la.

Despedir-me? — pergunta a cosinheira intrigada — Ora essa. Não sei o que quer dizer. Os hóspedes todos daqui gostam tanto da comida que eu faço...

— Pois é por isso mesmo.

LADRÃO POR FOME

O juiz dirige-se ao réu:

— Como foi que você entrou no restaurante para almoçar, sabendo que não tinha dinheiro?

— Mas tinha fome, senhor juiz...

— Acredito. Mas era uma fome de príncipe. Aqui tenho a nota: canja, peru à brasileira, filet de peixe, frango à caçadora, torta, queijo e uma garrafa de vinho francês.

Improvisadamente o escrivão, que tomava nota, comentou:

— Por um almoço desses até eu arriscava uma cadeiazinha...

O DIAGNOSTICO

O jovem médico foi chamado urgentemente à casa de madame. Esta estava aflita, pois seu cachorrinho, um pequinês, se contorcia com dores. Embora não sendo veterinário, o galeno diagnosticou envenenamento.

— Não é possível! Ele nada comeu que lhe fizesse mal — observou madame.

— Quem sabe se sua filha pintou a boca do cachorro com baton...

— Sim, lembro-me disso. Mas como pôde o senhor saber disso?

— E' que ontem eu também sofri ameaça de envenenamento...

VISTA CURTA

— Tenho a vista tão curta que sou obrigado a trabalhar durante todo o tempo que me encontro no escritório.

— Ora essa! Não compreendo. Que é que tem a ver sua vista curta com seu trabalho?

— Tem que não posso verificar, da minha mesa, se o chefe está me vigiando ou não. E por via das dúvidas vou trabalhando...

POMADA
MINANCORA
NUNCA EXISTIU IGUAL

PARA FERIDAS,
ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES,
COCEIRAS,
FRIEIRAS,
ESPINHAS, ETC.



Operarios e professor do Curso «Cap. Paulino da Silva», mantido em Laguna, pela Cia. »SUCA»

Transcorreu a 25 de janeiro a data natalicia do nosso amigo e colaborador assiduo Osmar Silva, que por esse motivo foi muito cumprimentado.

Embora tarde, enviámos-lhe os nossos mais sinceros parabens, com os votos de felicidades.



A 9 de fevereiro transcorrerá mais um aniversário natalicio do nosso amigo e colaborador Juvenal Melchades de Souza, ao qual, desde já, enviamos o nosso abraço sincero com os votos de felicidades.

Esperantista Klubo de Florianópolis

Recebemos, com data de 1^a de janeiro, circular de haver sido eleita e empossada a Diretoria para o exercicio de 1948, composta dos seguintes senhores:

Presidente: Prof. Eugenio Doin Vieira; Secretário: Wanio José de Matos; Tesoureiro: Washington L. V. Pereira; Diretor do Departamento Cultural: Prof. Ari Kardec de Melo.

Pela Assembléia Geral foi ainda, aclamado o nome de sócio Prof. Eugenio Doin Vieira, para patrono da Biblioteca Esperantista do Clube.

Gratos pela gentileza da comunicação, fazemos votos pelo crescente progresso do Esperantista Klubo de Florianópolis.



Parabens!
Muitas felicidades pelo nascimento de seu filhinho!

Mas, não se esqueça, que o melhor presente para o seu PIMPOLHO é uma caderneta do CRÉDITO MUTUO PREDIAL.

O Laboratório Radio Técnico

executa conserto de vosso radio com a máxima garantia e perfeição, a preços razoaveis.

Tecnicos: B. BOUSON
H. SALOLOMONI
(ex-radio-tecnico da Cruzeiro do Sul)

Anéxo oficina^{***} de conserto de máquinas de escrever

Rua Vitor Meireles, 18, - Salas 2 a 6



Cavalheiro!

Seja fan do «Gostozão» do século XX

«Aperitivo KNOT»

Senhorita!

O Eleitorado feminino elegeu lider majoritário

«Guaraná KNOT»



Mate é a mais saudavel e a melhor bebida do Brasil, recomendada pelos mais notaveis cientistas do mundo.

Tomar MATE é garantir a saude!



Aniversários

«Atualidades», embora tardiamente, regista com prazer os aniversários de seus dedicados amigos, ocorridos durante o mês de Janeiro:

A 2: sr. Armando Cuneo e menina Vanira Cabral Gomes;

a 3: Da. Diva Gama d'Eça; dr. Rubens de Arruda Ramos;

a 5: Da. Jandira Lopes Leal; srta. Alaide Gomes da Silva; srs. Cel. Marcos Konder e José Simeão de Souza, nosso assíduo colaborador;

a 6: jornalista Petarcha Callado e srs. Ivo Montenegro e Luiz Melo;

a 7: srs. Guido Bott, major Elpidio Frágoso e dr. Arno Pedro Hoeschl;

a 10: menina Alda Ney Alves;

a 11: dr. Afonso Maria Cardoso da Veiga e srtas. Maria José Bayer e Dorotêa Ramtour;

a 12: Da. Oúlia P. Blum;

a 13: Da. Jovelina Martins Mayr, srs. Heitor Blum e José Maykot e a menina Sílvia Silva;

a 15: srs. Benito Araujo e Aldo Beck;

a 17: sra. Elsa Marini Helou; menina Vilma Elias e menino Marcio Araujo;

a 18: srs. dr. Paulo Fontes, José Elias e Floriano Vieira;

a 19: sr. José Grumichê da Silva;

a 20: srs. João Cascais, dr. Carlos Loureiro da Luz e o menino Sebastião Espindola;

a 21: Da. Olivia Cabral, srta. Apolonia Maykot e menina Terezinha Ramos de Paula;

a 22: sras. Gessen Costa Ramos, Dorvalina Alves e Eladia Barbosa; menino Adilson Laus;

a 23: Da. Risoletê Moritz Medeiros, Da. Dulce Carneiro da Cunha de Souza Cabral e o jovem Nezio Amin;

a 24: Da. Delcídes Climaco da Silva; srta. Eudotquia Aterino, dr. Edelvito Campelo de Araujo;

a 25: D. Pio de Freitas; dr. Paulo Carneiro; menino José da Rocha Ferreira Bastos;

a 26: sr. Sebastião Vieira, nosso assíduo colaborador; srta. Conceição Ouro Fino; sra. Inã Tavares Moellmann; sr. José Pedro Gil;

a 27: Da. Luiza Amaral; srta. Onilda Hickel; menina Regina Augusta Simoni Pereira e jovem Jau Guedes da Fonseca Sobrinho;

a 28: sra. Alaide Pessoa Ramos;

a 31: jovem Osmar Silva Filho.

A todos, os nossos sinceros parabens.

Alvaro Sant'Helena Borba escreveu
para "ATUALIDADES"

FOLHAS MORTAS

Ao velho amigo Falcão

Era uma flôr gentil da primavera
Nascida n s rosais. Era uma rosa
Que idealisei, num sonho que t véra,
Mais fresca, mais gentil e mais formosa.

Vinhem beijá-la as áuras na tapérs;
E o sol, que dava alento á flôr mimosa,
Hoje mais quente do que hontem o era,
As pétalas murchou á melindrosa.

E o chão de folhas mortas se avoluma
Que a rosa as foi perdendo, uma por uma,
Após murchar no hastil também despide...

Bem como as flôres somos nós; que importa
Ser cada um sonho ido a folha morta,
Ou cada folha morta um sonho ido;

Segredos do Mato

Que sombra musical! Quantas cigarras!
Quantas frondes em flôr, quantos liâmes!
Que pletóra de pólem nos estâmes,
Que maná de Moisés nas flóreas jarras!

Entre o maciço verde dos inhâmes,
Quantas asas trementes e bizarras!
O murmúrio do arroio e dos enxâmes
Fazem lembrar surdinas de guitarras.

Lá nas folhas, em cima, o sól caindo
Vai em setas de luz se diluindo
Sob o zimborio de verduras santas.

E ouço, sem ouvir, vejo sem ver:
— Beijos de amor e gritos de prazer,
Uivos, abraços, delirar de plantas!

ANTENOR MORAES



Nascimentos

A 7 do corrente mês de Janeiro, foi enriquecido o lar do nosso amigo e colaborador snr. Zedar Perfeito da Silva e exma. esposa Da. Sulamita Dutra da Silva, com o nascimento de uma filhinha que tomou o nome de Maria Aparecida.

— x —

Regina Maria da Graça é o nome da filhinha do casal Vidal Dutra e Da. Abigail Dutra, cujo nascimento ocorreu no mês de Janeiro.

— x —

Jorge é o nome do interessante pimpolho, filho do casal Jorge Daux e Da. Doris Daux, nascido em dias de Janeiro.

Aos pais dos pimpolhos, os nossos votos de felicidades.

Noivado

Registamos, com prazer, o noivado da gentil senhora Simodocia Makowieky, filha do casal Adalberto Makowieky e exma. esposa, com o jovem Waldir Silva.
Aos noivos, nossos sinceros parabens.

Casamento

Constituiu acontecimento de relêvo na sociedade florianopolitana, o enlace matrimonial dos jovens srta. Lucy dos Anjos e Walter Lange Filho.

Ao casal, embora tarde, os nossos mais sinceros parabens e votos de felicidades.

Falecimentos

DONA LUIZA RODRIGUES CABRAL

Repercutiu dolorosamente, não só em nossa Capital, como no interior do Estado, a noticia do falecimento de Da. Luiza Rodrigues Cabral, esposa do nosso dedicado amigo Ten. Ary Cabral, funcionario aposentado do Banco Nacional do Comércio.

A extinta era mãe dos srs. Dr. Osvaldo Cabral, Da. Osvaldina Cabral Gomes, casada com o sr. Dirceu Gomes, e srta. Maria Cabral.

«Atualidades», profundamente consternada com o lutuoso acontecimento, embora tarde, envia à familia entulada sinceros pezames.

Estupenda façanha do futebol brasileiro

Um quadro de dezenove anos derrotou os campeões do mundo!

NELSON MAIA MACHADO

A disputa da segunda «Copa Rio Branco» foi iniciada em 1931 entre as seleções do Brasil e do Uruguai. O troféu ficaria na posse definitiva do país que venesse a série «melhor de três» prevista no regulamento especialmente organizado.

O primeiro prélio teve lugar no Rio, sendo o estádio do Vasco o local onde os brasileiros conquistaram o primeiro triunfo de forma brilhantíssima. A vitória do Brasil foi surpreendente, mesmo porque seus antagonistas acabavam de levantar o Campeonato Mundial, realizado em 1930 na capital uruguaia. E os próprios campeões do mundo não esconderam a admiração que lhes causou o grande triunfo dos brasileiros.

Nazzari, o famoso zagueiro uruguaio, declarou, após o jogo, que se conformava com tudo, menos com aqueles dois tentos de Nilo (os dois únicos tentos da partida), e lembra o lance de um deles, com magua:

— «Teófilo bateu o escanteio e Feitiço saltou para cabecear, não alcançando a bola. Nessa ocasião procurei Nilo, mas já era tarde. A bola emendada com rara maestria já balançara as rédes».

Foi também nessa partida que Domingos recebeu a sua consagração definitiva. Os uruguaios passaram a considera-lo o maior zagueiro do continente.

No ano seguinte, o segundo jogo da série «melhor de três» seria disputado em Montevidéu. Quando mais se tornava necessário ao Brasil arregimentar todos os seus valores, resurgem as desinteligenças tradicionais entre Rio e São Paulo. Em meio das severas críticas da imprensa e da indiferença pública é formado um «onze» carioca para medir forças com os campeões do mundo, ansiosos pela revanche daqueles dois a zero e com o «handicap» do campo e da «torcida». Com o «estimulo» proporcionado pela descrença geral parte a delegação patricia numa manhã fria e nublada e quasi ao findar de novembro de 1932. Ninguém foi ao cáis assistir ao embarque. Para que?

Aquele «combinadozinho» poderia fazer alguma coisa, na terra dos tri-campeões do mundo?

Coube a Luiz Vinhais, a espinhosa tarefa de dirigir a seleção brasileira na sua campanha em Montevidéu. Ninguém acreditava em nossa representação, cujos componentes eram chamados de turistas. Esta circunstancia desfavoravel, longe de esmorecer o técnico brasileiro, exacerbou o seu amor proprio e ele se comprometeu intimamente a envidar todos os esforços possiveis para elevar o renome do futebol patrio. Seu primeiro trabalho foi unificar a delegação de molde a que todos os seus membros se compenetrassem de que estavam lutando por uma causa comum. Vinhais lembrou que em 1930, no Campeonato Mundial, não havia aquele espirito em nossa representação e esse fôra um dos motivos do fracasso do Bra-

ROMANCES FAMOSOS

Ciúme ou A Inveja — Emocionante e vibrante romance de H. Peres Escrich. Descrevendo a figura cavalheresca de um jovem poeta, defendendo a mulher que ama, vítima do ciúme bárbaro de uma rival. 1 grosso volume, broch. Cr\$ 45,00.

Alma Negra — Sensacional e comovente romance do grande e afamado romancista francês Xavier de Montépin. Impressionante de uma mulher de alma negra e coração de pantera, que espalhava em redor de si a peçonha do mal e do terror. Um vol. com mais de 500 páginas Cr\$ 35,00.

O Ferreiro da Abadia — Grande e extraordinário romance de grande emoção de Ponson du Terrail, 1 grande volume de 1.000 págs. Cr\$ 40,00.

Amor Selvagem — Extraordinário e sensacional romance de grande emoção do célebre romancista francês Emílio Richebourg. Um grande volume com mais de 700 pg. Cr\$ 40,00.

A Toutinegra do Moinho — Belfíssimo e emocionante romance do imortal romancista francês Emílio Richebourg, 1 grosso volume de 1.000 páginas Cr\$ 50,00.

Os Sinos de Corneville — pelo famoso escritor de fama mundial, Emile Teillencour. Magestoso e emocionante romance de amor entre fidalgos e dois famosos castelos da Normandia, no reinado do famoso Rei Sol, Luiz XIV. Através das páginas deste sensacional romance, desfila o cortejo de episódios de real sensação, onde faz parte o famigerado presidio, A BASTILHA, e bem assim da História da França no século XVII, entre castelões, espadachins, frades, ladrões, marinheiros, galés, guerreiros etc.

Um grosso vol. em grande formato e mais de 750 páginas e bela capa, broch. Cr\$ 40,00.

LIVRARIA ROSA

Rua Deodoro, 33 — Florianópolis

ATENDE POR REEMBOLSO POSTAL

sil: «Aqui não haverá disso. Os brancos serão pretos e os pretos serão brancos. Todos defenderão o Brasil!» Durante a viagem escandalizou o «maitre d'hotel», proibindo bebidas alcoolicas à mesa. Os nossos patricios seriam também campeões da disciplina.

O vapor que conduzia a embaixada da C. B. D. chegou a Montevidéu no dia 1 de dezembro, tendo os brasileiros carinhosa recepção. Mas nem a imprensa nem o publico acreditavam na possibilidade de uma surpresa e disso não faziam segredo: o Uruguai venceria facilmente. Luiz Vinhais chegou também preparado para enfrentar a árdua campanha. Concentrou seus pupilos no hotel e deu inicio imediatamente aos treinos individuais. Estes causaram muito sucesso, pois não eram comuns — ainda na fase inicial do profissionalismo — os exercicios individuais sistemáticos. Vinhais sabia que o seu principal trabalho era dar moral aos nossos jogadores e insistia, na tçcla: o Brasil precisava de todas as energias de cada componente da seleção para que saíssem vitoriosas as cores da nossa bandeira. A concentração era tão rigorosa, que Vinhais chegou a proibir a entrada aos proprios chefes da delegação, srs. Castelo Branco e Alarico Maciel.

No Rio, os comentários da imprensa continuavam impregnados de ceticismo. O nosso «onze» realizara apenas dois ensaios antes do embarque e não tivera o concurso dos jogadores do «Botafogo», que se encontrava em Porto Alegre. Nem ao menos constituiria o expoente do futebol carioca. E salientavam que ao embarcarem no «Duilo» numa manhã chuvosa, os jogadores patricios não falaram em vitória. E ainda por cima surgiu a nova alarmante: a C. B. D. resolvera impedir a presença de Leonidas I Mas Vinhais não levou em consideração a ordem e declarou que quem mandava no quadro era ele. Não abandonou os jogadores um só ins-

tante. No dia do jogo, reuniu os jogadores e mandou içar a bandeira brasileira. Mostrou lealmente as circunstâncias adversas que enfrentavam mas acentuou que naquele momento o pensamento de milhares de brasileiros se encontrava concentrado naquele grupo, que era um pedaço da sua gloriosa pátria. E entre aqueles milhares de patriotas encontravam-se as mães, as esposas e as irmãs de cada um dos defensores da pátria distante. Estavam todos os jogadores juntinhos, formando um bloco homogêneo. Todos choravam quando o técnico se calou e entraram em campo dispostos a dar tudo pelo Brasil!

* * *

O franco favoritismo dos locais não impediu que uma incalculável multidão afluísse ao Estádio Centenário, horas antes de ser iniciado o jogo. Toda a imprensa uruguaia dedicava colunas inteiras aos comentários sobre o embate, que deveria assinalar a revanche dos orientais sobre os seus vencedores de 1931. O árbitro uruguaio Tejada, por uma gentileza dos brasileiros, foi designado para dirigir o encontro. Os quadros pizaram o gramado com a seguinte constituição: BRASILEIROS - Vitor (Botafogo), Domingos (Bangu) e Italia (Vasco), Agrícola (Botafogo), Martim (Botafogo) e Ivan (Botafogo), Walter (Brasil), Paulinho (Botafogo), Gradim (Bonsucesso), Leonidas (Bonsucesso) e Jarbas (Brasil). URUGUAIOS - Machiavelo, Nazzazi e Mascheroni, Campos, Gestido e Lobos, Castro, Garcia, Duharte, Cêa e Iturbiche.

O cotejo é iniciado às 17,05 com um ataque dos uruguaios que não surte efeito. Passados 10 minutos o jogo continuava equilibrado reveesando-se os dois quadros no ataque. Mas aos 11 minutos de jogo os brasileiros, para consternação da torcida local, conseguem abrir a contagem por intermédio de Leonidas. O arqueiro uruguaio não poderia defender o pelotão desferido pela meia-esquerda brasileiro. Além de violentíssimo, o chute foi colocado magistralmente. Gradim recebendo a bola de Jarbas, passou-a a Leonidas, que sem perda de tempo vence a cidadela contrária com formidável chute rasteiro. Os brasileiros são preso de entusiasmo ilimitado. Leonidas é carregado e abraçado por todos os companheiros. Os uruguaios tentam reagir, mas encontram uma barreira intransponível na defesa

contrária. E o primeiro tempo termina com este resultado: Brasil 1, Uruguai 0. Na fase final Aguirre entrou no lugar de Nazzazi, que se havia machucado e Peres substituiu Garcia, Leonidas assinalou mais um tento para o Brasil e Cêa obteve o tento de honra dos orientais.

Após o único tento obtido por intermédio de Cêa, os uruguaios redobram os esforços para empatar a partida, mas nessa fase, os defensores de reduto brasileiro se mantiveram à altura, opondo uma resistência heróica, a ponto de tornar a sua cidadela inexpugnável. Leonidas é machucado, sendo substituído por Benedito. Mas o jogo termina com a vitória do Brasil pela contagem de 2 a 1.

* * *

O jornalista carioca dr. Fernando Pinto, que acompanhou a delegação enviou ao seu jornal, o seguinte comentário: «A vitória brasileira foi merecida. Os nossos jogadores atuaram admiravelmente. No primeiro tempo, enquanto os uruguaios não desenvolveram jogo apreciável, o quadro brasileiro se portou à altura. No segundo tempo feitas as substituições no seu quadro, os uruguaios passaram a jogar melhor. Apesar dos uruguaios estarem auxiliados pelo vento, que fortemente soprava contra os brasileiros, o nosso quadro trabalhou maravilhosamente, causando sensação na assistência, principalmente a defesa que se portou fantásticamente. Martim, centro-medio brasileiro, foi o jogador de mais destaque em campo. O seu jogo foi correto e teve tal atuação que os aplausos da «torcida», apesar de na sua totalidade ser adversária, não lhe foram regateados. O juiz Tejada se portou bem, mas não marcou a nosso favor, o «penalti» do último instante, cometido por Lobos sobre Jarbas. O público uruguaio teve para com os jogadores brasileiros carinhosa acolhida, mesmo depois da vitória do nosso quadro».

Aliás, a imprensa uruguaia foi unânime em consagrar o triunfo do Brasil. O jornal «El Pueblo» afirmou que «os brasileiros apresentaram um tipo de futebol superior e que nas circunstâncias atuais são praticamente invencíveis». E não parou aí a jornada triunfal dos nossos valerosos patriotas. Quatro dias depois, mediam forças com o Penarol, conquistando novo triunfo pela contagem mínima. Coube a Jarbas assinalar o tento da vitória, quando faltavam apenas dois

Atualidades

Publicação mensal
Redação e Oficinas: Av. Mauro
Ramos 301 — Florianópolis
S. Catarina — Brasil

Propriedade — Direção — Redação e Gerência:

E. I. KUEHNE

Assinaturas:

Anual Cr\$ 18,00
Número avulso Cr\$ 1,50

Anúncios de acordo com a tabela de preços

“ATUALIDADES” acolherá de boa vontade todos os originais, não se responsabilizando, porém, pelos conceitos emitidos em artigos etc. assinados.

Os originais — mesmo os não publicados — ficarão em poder da Redação.

minutos para o encerramento da partida.

E a memorável campanha dos campeões do mundo terminou com a vitória sobre o Nacional, perante uma assistência de 60 mil pessoas, pela contagem de 2 a 1, tentos de Gradim e Walter.

* * *

O valoroso selecionado patriótico que venceu «os melhores do mundo» em sua própria cancha e que regressou invicto, era bastante joven. Senão vejamos:

| | |
|----------|---------|
| Vitor | 19 anos |
| Domingos | 19 » |
| Italia | 25 » |
| Agrícola | 19 » |
| Martim | 21 » |
| Ivan | 19 » |
| Walter | 18 » |
| Paulinho | 18 » |
| Gradim | 21 » |
| Leonidas | 19 » |
| Jarbas | 19 » |

TOTAL 218 anos

MÉDIA 19 anos



Se ricos quereis ficar

De modo facil e legal,

Fazei hoje uma inscrição,

no CRÉDITO MUTUO PREDIAL



INSTITUTO DE DIAGNÓSTICO CLÍNICO

— DR. DJALMA MOELLMANN —

Formado pela Universidade de Genebra (Suíça)

Com prática nos hospitais europeus

CLÍNICA MÉDICA em geral, de adultos e crianças, doenças do sistema nervoso, aparelho genito-urinário do homem e da mulher

PNEUMOTORAX ARTIFICIAL

—o—

Assistente Técnico: **DR. PAULO TAVARES**

Diplomado em radiologia e radioterapia pelo Hospital Municipal de São Paulo (Professores Cássio Vilaça e Carlos Fried)

Curso de Radiologia Clínica com o Dr. Manuel de Abreu Campanário (S. Paulo). Especializado em higiene e saúde pública pela Universidade do Rio de Janeiro.

—o—

GABINETE DE RAIOS X

Aparelho moderno "Siemens" para diagnóstico das doenças internas — Coração — Pulmões — Viscula Biliar — Estômago, etc. — Radiografias osseas e radiografias dentárias

ELETCARDIOGRAFIA CLÍNICA

(Diagnóstico preciso das moléstias cardíacas por meio de traçados elétricos).

METABOLISMO BASAL

(Determinação dos distúrbios das glândulas de secreção interna).

SONDAGEM DUODENAL

(Exame químico e microscópico do suco duodenal e da bilis).

GABINETE DE FISIOTERAPIA

Ondas curtas, raios ultra-violetas, raios infra-vermelhos e eletricidade médica

LABORATÓRIOS DE MICROSCOPIA E ANÁLISES CLÍNICAS

Exames de sangue para diagnóstico de sífilis, diagnóstico do impaludismo, dosagem de uréia no sangue, etc.

Exame de urina (reação de Ascheim Zondeck, para diagnóstico precoce da gravidez). Exames de puz, escarro, líquido e raquiano e qualquer pesquisa para elucidação de diagnóstico.

RUA FERNANDO MACHADO, 6 — TELEFONE 1195

Luz própria no consultório

FLORIANÓPOLIS — SANTA CATARINA

Instituto Catarinense de Radioterapia

Anéxo à Casa de Saúde São Sebastião

Diretor Clínico: **DR. DJALMA MOELLMANN**
Viagem de especialização em radioterapia, nos Institutos de Montevidéo e Buenos Aires.

Diretor Técnico: **DR. PAULO TAVARES**
Curso de especialização em radioterapia, com os Drs. Carlos Fried e Nelson Carvalho no Instituto de Radio São Francisco de Assis, São Paulo

Instalação moderna da Fábrica "Westinghouse" com a potência de 220 Kw. e 25 milampérs, permitindo Roentgenerapia profunda, semi-profunda e superficial

RADIUMTERAPIA

O Instituto possui 115 miligramas de RADIUM, importados dos EE. UU. trazendo atestados de eficácia e dosagem fornecidos pelo Governo Americano.

Força Elétrica própria

permittindo tratamento regular e dosagens exatas.

Largo São Sebastião
FLORIANOPOLIS

SANTA CATARINA

Casa de Saude e Maternidade 'São Sebastião'

Sob a direção clínica de

Dr. Djalma Moellmann

Construção moderna e confortável, situada em aprasivel chácara com esplendida vista ao mar.

Excelente local para cura de repouso; água fria e quente

Aparelhamiento completo e modernissimo para tratamento médico, cirúrgico e ginecológico

Raios X - Ultravioleta - Infravermelho - Ondas curtas - Eletricidade médica - Exames endoscópicos

Laboratórios para os exames de elucidação de diagnósticos.

Apartamentos de luxo com instalação sanitária própria. Varandas de cura.

Quartos de 1ª. e 2ª. classe.

— PREÇOS MÓDICOS —

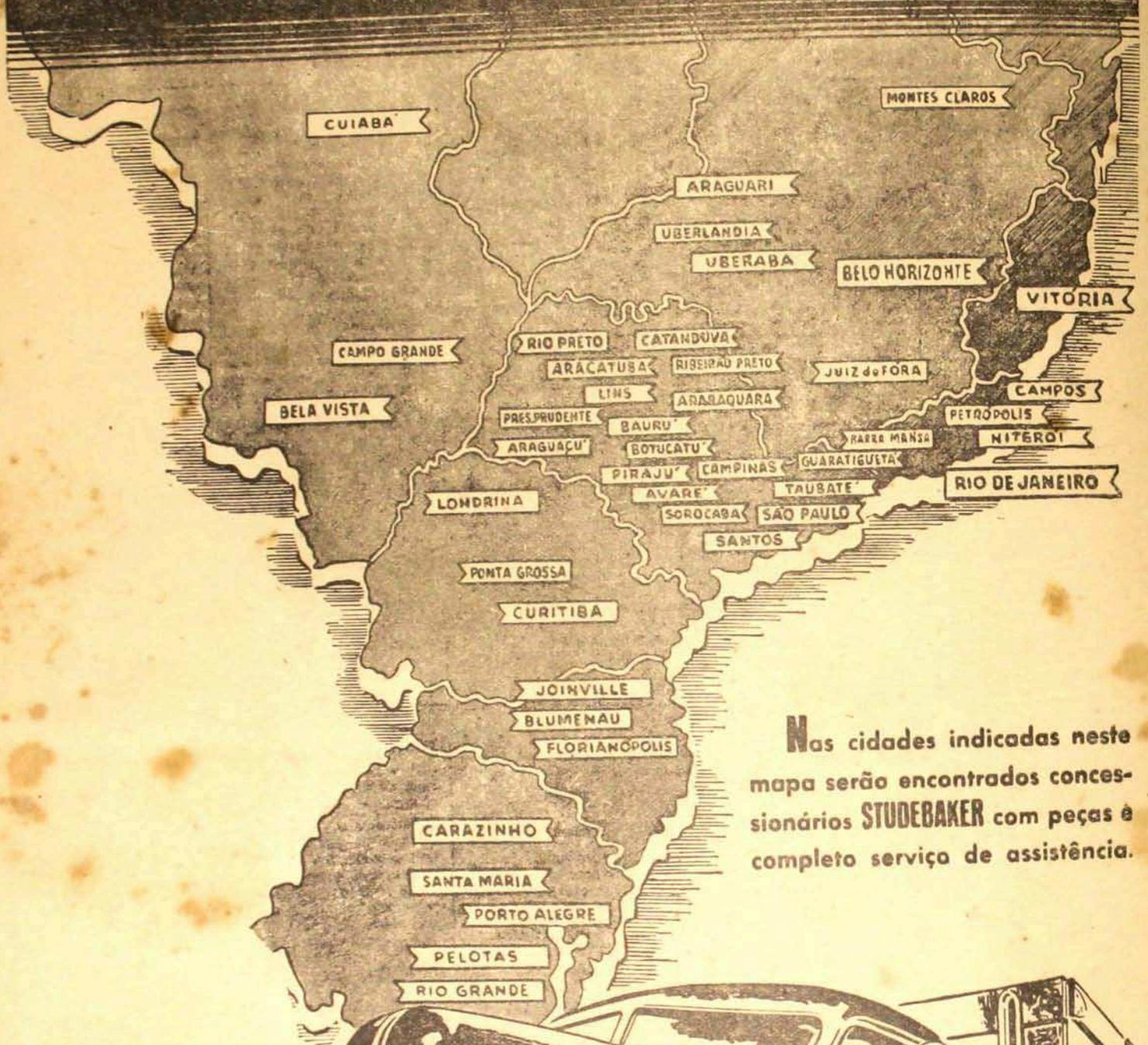
O doente pôde ter médico particular.

Largo São Sebastião

FLORIANOPOLIS

Telefone 1.153

O CAMINHÃO *Studebaker* CONQUISTA O BRASIL!



Nas cidades indicadas neste mapa serão encontrados concessionários **STUDEBAKER** com peças e completo serviço de assistência.

